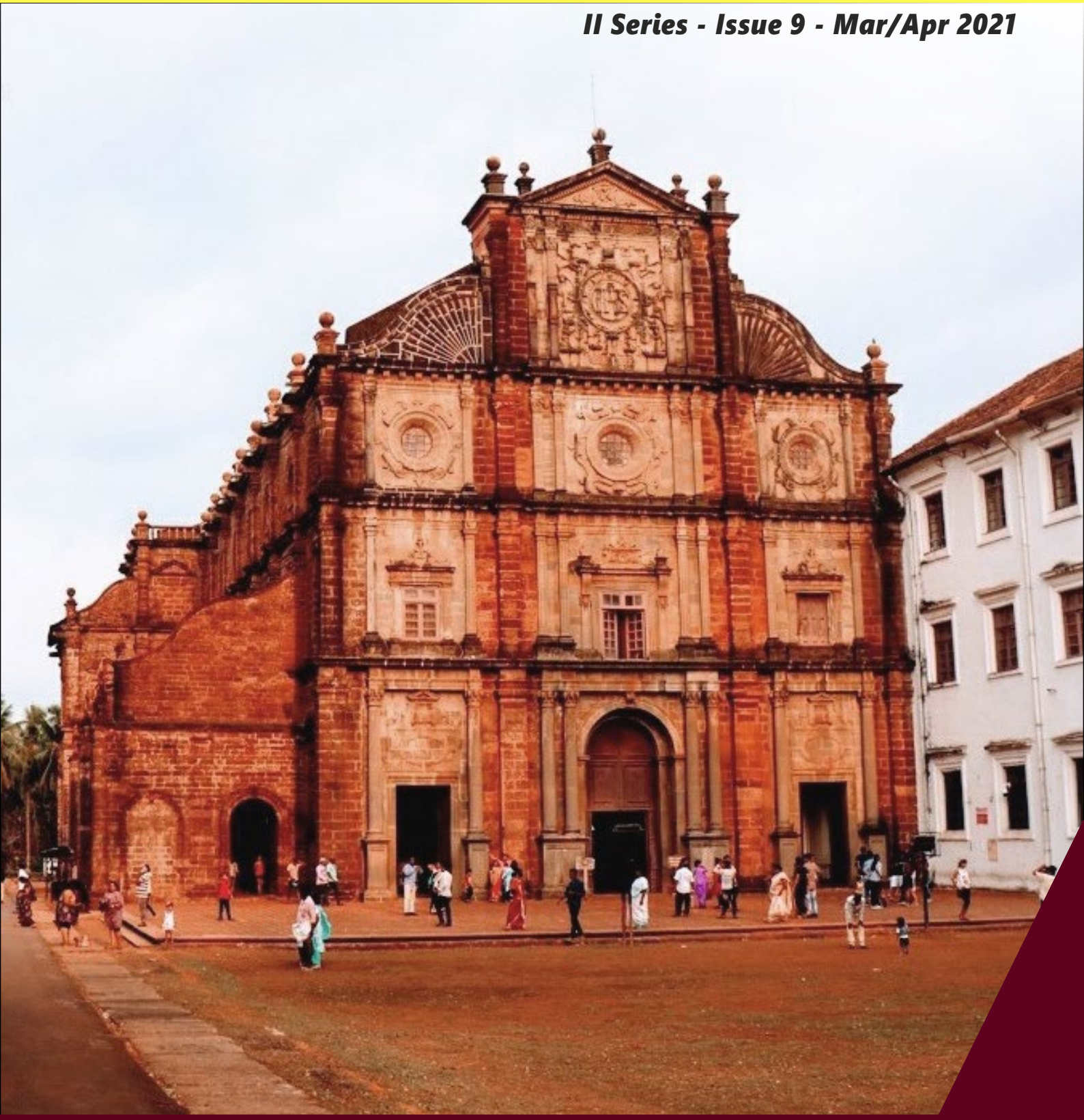
ISSN - 2184-7045

REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 9 - Mar/Abr 2021

II Series - Issue 9 - Mar/Apr 2021



Ficha Técnica

II Série, Número 9, Março-Abril 2021

Diretor
Vasco Soares da Veiga (Portugal)

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Colaboradores Residentes
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Colaboram neste número
Brian de Souza (Mumbai)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Crisanto Facho (Portugal)
Fernando Velho (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Ivo de Noronha (Londres)
Jaime Rangel (Goa)
José Filipe Monteiro (Portugal)
Maria Virgínia Brás Gomes (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Ralph de Sousa (Goa)
Rui Sousa Ticló (Portugal)
Sheela Kolambkar (Mumbai)
Valentino Viegas (Portugal)
Vasco Monteiro (Portugal)

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Assistente Editorial
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial - contacto: geral@casadegoa.pt

Capa: Basílica de Bom Jesus (cortesia: Lester Silveira)

Technical Datasheet

II Series, Issue 9, March-April 2021

Director
Vasco Soares da Veiga (Portugal)

Editorial Board
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Resident Contributors
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Contributors to this issue
Brian de Souza (Mumbai)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Crisanto Facho (Portugal)
Fernando Velho (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Ivo de Noronha (Londres)
Jaime Rangel (Goa)
José Filipe Monteiro (Portugal)
Maria Virgínia Brás Gomes (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Ralph de Sousa (Goa)
Rui Sousa Ticló (Portugal)
Sheela Kolambkar (Mumbai)
Valentino Viegas (Portugal)
Vasco Monteiro (Portugal)

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Layout
Juliano Martins Mariano

Editorial Assistant
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising - contact to: geral@casadegoa.pt

Cover: Basílica of Bom Jesus (courtesy: Lester Silveira)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 8 figuras)

2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.3. Personalidade (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.4. Opinião ou Crónica (limite de 1500 palavras)

2.2.5. Conto (limite de 1500 palavras e 1 figura)

2.2.6. Ecologia e Ambiente (limite de 2000 palavras e 4 figuras)

2.2.7. Cantinho do Concani (limite de 2000 palavras)

2.2.8. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.9 Crítica de Livro (Limite de 1500 palavras e 1 figura)

2.2.10. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.11. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos à aprovação do Diretor, enviados por correio eletrónico para geral@casadegoa.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico é opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês. Exceção é feita ao Espaço do Concani, para artigos publicados em concani romano com a tradução para português.

Se algum artigo original exceder o limite de palavras, este poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista. Em casos excecionais e por decisão editorial, o limite de palavras figuradas pode exceder o acima referido.

Pontualmente poderão ser adicionadas outras secções, de acordo com o tipo específico dos artigos (depoimento, poema, etc).

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, não sendo obrigatório para artigos com menos de 1500 palavras. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

A publicidade comercial é paga

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

NEWSLETTER

Publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections as given below, in which articles may have a limit of words and illustrations.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six ilustrations)

2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.3. Personality (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.4. Opinion or Feature (word limit 1500)

2.2.5. Short Story (word limit 1500, maximum one illustration)

2.2.6. Ecology and Environment (word limit 2000, maximum four illustrations)

2.2.7. Konkani Corner (word limit 2000)

2.2.8. Interview (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.9 Book review (word limit 1500, maximum one illustration)

2.2.10. Letter to the Director (word limit 400, maximum one illustration)

2.2.11. News (word limit 250, maximum one illustration per new)

Publication Norms

Articles submitted for publication should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are to be emailed to the Director at geral@casadegoa.pt for approval.

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English. An exception is made for the Konkani Corner, dedicated to articles published in Konkani language in Roman script, with translation into Portuguese.

If an original article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of the Revista da Casa de Goa. In exceptional cases and according to the editorial decision, the limit of words and illustrations may exceed the aforementioned.

Other sections may be added occasionally, according to the specific type of articles (testimony, poem, etc.).

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) in up to 150 words, respectively, not mandatory for articles with less than 1500 words. If the author is not skilled in writing in both languages, the Revista da Casa de Goa undertakes to translate to the other language based on the full version of the article.

Articles submitted for publication are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, or subject to suggested changes, or not accepted at all.

Advertising of commercial nature is payable.

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora associations and newspapers in Goa. This is an open access magazine, free to share.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

Página
Page

EDITORIAL

José Filipe Monteiro **6-8**

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

A longa sombra da Basílica de Goa agonizante! | The lingering shadow of the dying Basilica of Goa! – *Fernando Velho* **9-21**

As celebrações da epifania em Goa. Parte II - uma multiplicidade de sincretismo | Celebrations of epiphany in Goa. Part II - an exultation of syncretism – *Celina Velho e Almeida* **22-26**

ARTIGO ESPECIAL | SPECIAL ARTICLE

Por quem os sinos dobram | For whom the bells toll – *Crisanto Facho, Francisco da Purificação Monteiro, José Filipe Monteiro, Maria Virgínia Brás Gomes, Rui Sousa Ticló, Valentino Viegas e Vasco Monteiro* 27-35

CRÓNICA | FEATURE

Monções | Monsoon – *Valentino Viegas* 36-38

Of school picnics and factory visits | Os piqueniques da escola e as visitas às fábricas - *Ralph de Sousa* 39-41

Where have Goa's musicians gone? | Para onde foram os músicos de Goa? - *Brian de Souza* 42-44

The beautiful trajectory of Indo-Portuguese poetry | O belo percurso da poesia Indo-Portuguesa – *Jaime Rangel* 45-47

Konkani and the migrant's identity | O Concani e a identidade do emigrante – *Ivo de Noronha* 48-50

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Nillu - Sheela Kolambkar-hachi lhan kotha - Poilo bhag | Nillu - Um Conto de Sheela Kolambkar – Parte I - *Sheela Kolambkar* **51-58**

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Panduronga Pissurlencar: o pioneiro do património arquivístico de Goa | Panduronga Pissurlencar: the pioneer of Goa's archival heritage - *Francisco da Purificação Monteiro* **59-62**

CRÍTICA DE LIVRO | BOOK REVIEW

Era uma vez em Goa, de Paulo Varela Gomes | One upon a time in Goa, by Paulo Varela Gomes – *José Filipe Monteiro* **63-64**

ENTREVISTA | INTERVIEW

Interview with Fr. Joaquim Loiola Pereira | Entrevista a Joaquim Loiola Pereira – *Óscar de Noronha* **65-68**

ERRATUM **69**

PRÓXIMOS NÚMEROS | UPCOMING ISSUES

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

A história da imprensa portuguesa em Goa (1831-1963) | The history of Portuguese press in Goa (1831-1963) - *Francisco da Purificação Monteiro*

Why and how colonial Britain recruited Goans? | Porque e como a Grã-Bretanha colonial recrutava Goeses? - *Philomena Lawrence & Gilbert Lawrence*

The concelebration of 153 masses in Velha Goa, in 1949. A unique event in the Catholic world | A concelebração de 153 missas em Velha Goa, em 1949. Um acontecimento único no mundo católico – *José Venâncio Machado*

Lisboa – Goa: a primeira travessia aérea | Lisbon - Goa: the first air crossing - *Francisco da Purificação Monteiro*

CRÓNICAS | FEATURES

Of rivers, boats & ferry tales | Dos rios, barcos e contos de balsas - *Ralph de Sousa*

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Paulino Dias: O poeta da mitologia hindu | The poet of hindu mythology - *Francisco da Purificação Monteiro*

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Nillu - Sheela Kolambkar-hachi lhan kotha - Dusro Bhag | Nillu - Um Conto de Sheela Kolambkar – Parte II - *Sheela Kolambkar*

CRÍTICA DE LIVRO | BOOK REVIEW

Entre dois Impérios – Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940), de Filipa Lowndes Vicente | Between Two Empires - British Travelers in Goa (1800-1940), by Filipa Lowndes Vicente - *José Filipe Monteiro*

ENTREVISTA | INTERVIEW

Entrevista a Maureen Álvares, professora de Português | Interview with Maureen Álvares, a Portuguese teacher - *Óscar de Noronha*

José Filipe Monteiro

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Founder of Casa de Goa, Portugal

"O tempo que passa não passa depressa. O que passa depressa é o tempo que passou."

Esta citação de Vergílio Ferreira, recorda-me, que dois meses passaram num ápice e cá me encontro a redigir o editorial de um novo número da nossa revista com muitos motivos para uma leitura interessante, diversificada e elucidativa.

Na secção dos artigos originais, no último número fizemos eco das ameaças ao nosso meio ambiente. Agora é a vez de nos focarmos no nosso património arqueológico. Há cerca de 70 anos, o governo português decidiu remover a cobertura em gesso da fachada da Basílica do Bom Jesus, porventura o ex-libris da arquitectura religiosa católica em Goa. Na opinião do arquitecto Fernando Velho, esta alteração no revestimento do monumento pode ter consequências drásticas, que são explanadas no artigo de sua autoria **A longa sombra da Basílica agonizante de Goa.**

Na segunda parte das **Celebrações da Epifania**, a autora, Celina Velho e Almeida, explora a influência do sincretismo religioso em Goa, muito patente em algumas festividades religiosas como é o caso das festividades relacionadas com o nascimento de Cristo.

Nas crónicas, esta edição versa uma variedade temática digna de destaque: Valentino Viegas traz-nos à memória doces recordações das **Monções** na sua juventude, enquanto Ralph de Sousa, parte dos piqueniques e visitas de estudo da sua infância para a actualidade do desenvolvimento industrial de Goa no texto **Os piqueniques e as visitas às fábricas.** Na presente conjuntura, Brian de Souza questiona angustiado **Para onde foram os músicos de Goa?**

"The time that passes do not pass quickly. What passes quickly is the time that has passed."

This quote by Portuguese writer Vergílio Ferreira, reminds me that two months have passed briefly and here I am, writing the editorial for an issue with many reasons for an interesting, diverse and informative reading.

In the last issue we echoed the threats to our bellowed motherland environment. Now it is time to focus on our archaeological heritage. About 70 years ago, the Portuguese government decided to remove the plaster cover from the facade of the Basilica of Bom Jesus, perhaps the ex-libris of Catholic religious architecture in Goa. In the opinion of the architect Fernando Velho, this alteration in the monument's covering can have drastic consequences, which are explained in the article of his authorship, ***The long shadow of the agonizing Basilica of Goa.***

In the second part of the ***Epiphany Celebrations****, Celina Velho e Almeida explores the influence of religious syncretism in Goa, which is very evident in some religious festivities such as those related in this narrative.*

In the chronicles, this edition deals with a thematic variety worthy of mention: Valentino Viegas recalls sweet memories of ***Monsoons*** *in his youth, while Ralph de Sousa, sets out from the picnics and field trips from his childhood to the present industrial development of Goa in* ***Of School Picnics and Factory Visits****. We Goans, were known as Italians of the East, for our aptitude and knowledge of music even in the most remote villages of the Old Conquest. No wonder, why in the present circumstances, Brian*

Nós, goeses, fomos conhecidos como italianos do oriente, pela nossa aptidão e conhecimento de música mesmo nas mais recônditas aldeias das Velhas Conquistas. Neste roteiro de temas, Jaime Rangel retrata, no seu artigo, **O belo percurso da poesia Indo-Portuguesa**, a poesia e os poetas goeses. Um tema, deveras interessante e a merecer uma reflexão e debate alargado e que vai, seguramente, ter continuidade pelo menos no próximo número. Por último, a importância do concanim, nossa língua mãe, na manutenção da nossa identidade cultural é justificada por Ivo Noronha na rúbrica **O concani e a identidade do emigrante.**

Foi por reconhecer esta relevância, que a nossa revista, bilingue (português e inglês) decidiu incluir na sua feitura um cantinho de concanim. E, neste número, este espaço é preenchido com um conto **Nillu** (primeira parte) da autoria de Sheela Kolambkar. Saudamos a colaboração desta cronista que reside em Mumbai (Bombaim).

A personalidade que mereceu a nossa escolha foi **Panduronga Pissurlencar:** o pioneiro do património arquivístico de Goa. Francisco Monteiro dá a conhecer o que foi a vida e a obra deste nosso conterrâneo, o grande responsável pela salvaguarda de documentos de grande relevância na nossa história.

Na crítica do livro, foi escolhido o romance **Era uma vez em Goa,** de autoria de Paulo Varela Gomes. A apreciação esteve a cargo de José Filipe Monteiro.

O maestro, **Padre Joaquim Loiola Pereira** foi o entrevistado de Óscar de Noronha. Uma entrevista que dá conhecer em traços largos os motetes, a música sacra desta época quaresmal, criada e divulgada pelos nossos maestros. Um diálogo que esclarece o leitor acerca de muitos aspectos da musicalidade goesa, quer profana quer sacra.

Por último, este número contempla um artigo especial, que esperamos e desejamos que não tenhamos que repetir.

Quando, no início deste ano, esperávamos ansiosamente pelo princípio do fim da pandemia, fomos confrontados, dolorosamente, num curto intervalo de alguns dias, com o falecimento de alguns

*de Souza anguished inquest **Where Have Goa's Musicians Gone?** In these narrations, Jaime Rangel portrays, in his article, **The Beautiful Trajectory of Indo-Portuguese Poetry**. A remarkably interesting topic, deserving a broad reflection and debate, which will certainly continue, at least in the next issue. Finally, the importance of Konkani, our mother tongue, in maintaining our cultural identity is justified by Ivo Noronha in his manuscript **Konkani and the Migrant's Identity**.*

*It was by recognizing this relevance, that our bilingual (Portuguese and English) magazine, decided to include a corner of Konkani in its making. And, in this issue, this space is filled with a short story **Nillu** (first part) by Sheela Kolambkar. We welcome the collaboration of this chronicler who resides in Mumbai (Bombay).*

*The personality that deserved our choice was **Panduronga Pissurlencar:** the pioneer of Goa's archival heritage. Francisco Monteiro discloses what was the life and work of this fellow countryman, who was largely responsible for safeguarding documents of great pertinence in our history.*

*In the book review, the choice fell on the novel **Once Upon a Time in Goa**, by Paulo Varela Gomes and was reviewed by José Filipe Monteiro.*

*Óscar de Noronha dialogues with maestro **Fr. Joaquim Loiola Pereira**. An interview that gives broad knowledge of the motets, the sacred music of this time, Lent, created and disseminated by our conductors. An interview that enlightens the reader about many aspects of Goan musicality, both profane and sacred.*

Finally, this issue includes a special article, which we hope and wish that we do not have to repeat.

When, at the outset of this year, we were anxiously waiting for the beginning of the end of the pandemic, we were faced, painfully, in a short interval of a few days, with the death of some of our associates, most of them, victims of this pandemic that caused so much sadness and suffering. These affiliates, some from the kickoff of our association, others, who joined along the way, were part of the journey of our organization,

dos nossos associados, na sua esmagadora maioria, vítima desta pandemia, causadora de tanta tristeza e sofrimento. Estes nossos associados, fizeram parte da caminhada da nossa Associação, uns desde o início outros já no decorrer do percurso, uns mais activos e participantes, outros menos, mas todos com o propósito de ir ao encontro da defesa da Goanidade.

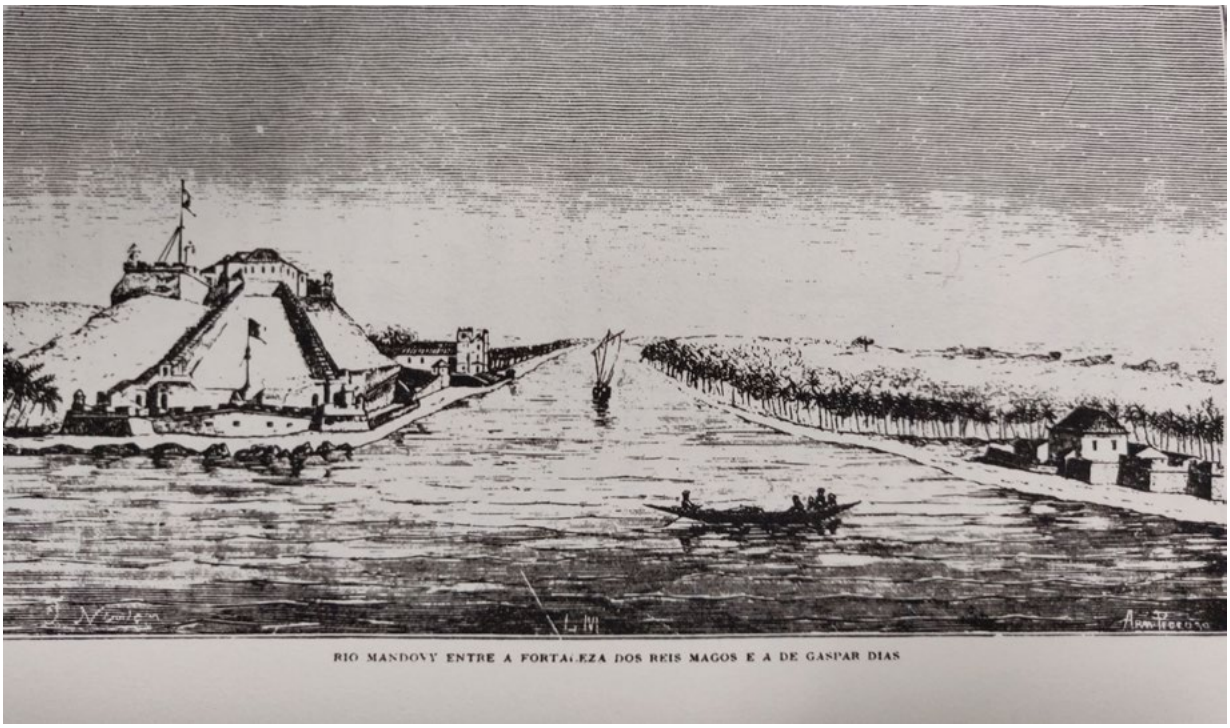
"Por quem os sinos dobram", título do famoso romance de Ernest Hemingway, recorda, através depoimentos dos amigos próximos, quem foram os consócios que nos deixaram.

Até à próxima. Borim korun ravat

some more active and participants, others less, but all with the intent and determination to fight for the Goencarpon (Goanity).

***"For whom the bell tolls"**, the title of Ernest Hemingway's famous novel, recalls, the partners who left us through testimonies from close friends or family members.*

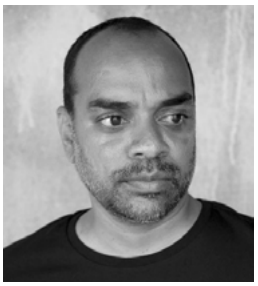
Until the next time. Borim korun ravat



Rio Mandovy (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

A LONGA SOMBRA DA BASÍLICA DE GOA AGONIZANTE !

The long shadow of Goa's dying basilica



Fernando Velho

Arquitecto, Goa
Notas biográficas no fim

Architect, Goa
Biographical notes at the end

Resumo
A Basílica do Bom Jesus desempenhou um papel importante na história cultural e arquitetónica de Goa. A remoção de seu gesso, na década de 1950, deixou a estrutura do monumento seriamente comprometida.

Abstract
The Basilica of Bom Jesus has played an important role in Goa cultural and architectural history. The removal of its plaster in the 1950's has left the monument dangerously compromised.

Artigo publicado no "O Heraldo" em 13 de Dezembro de 2020

Article first published in "O Heraldo" on December 13, 2020

Introdução

Não existe nenhum monumento que evoca a história cultural de Goa e seja mais caro aos católicos goeses do que a Basílica do Bom Jesus na Velha Goa. Este monumento não é apenas um importante símbolo da identidade goesa, mas é central para a identidade católica goesa em todo o mundo, abrigando os restos sagrados de São Francisco Xavier.

A maioria das pessoas ficaria surpresa se dissesse

There exists no monument as evocative of Goa's cultural history and dearer to Goan Catholics, than the Basilica of Bom Jesus in Old Goa. This monument is not only an important symbol of Goan identity, but is central to Goan Catholic identity worldwide, sheltering as it does the sacred remains of St. Francis Xavier.

Most people would therefore be surprised if told that the current unplastered laterite facade of the Basilica

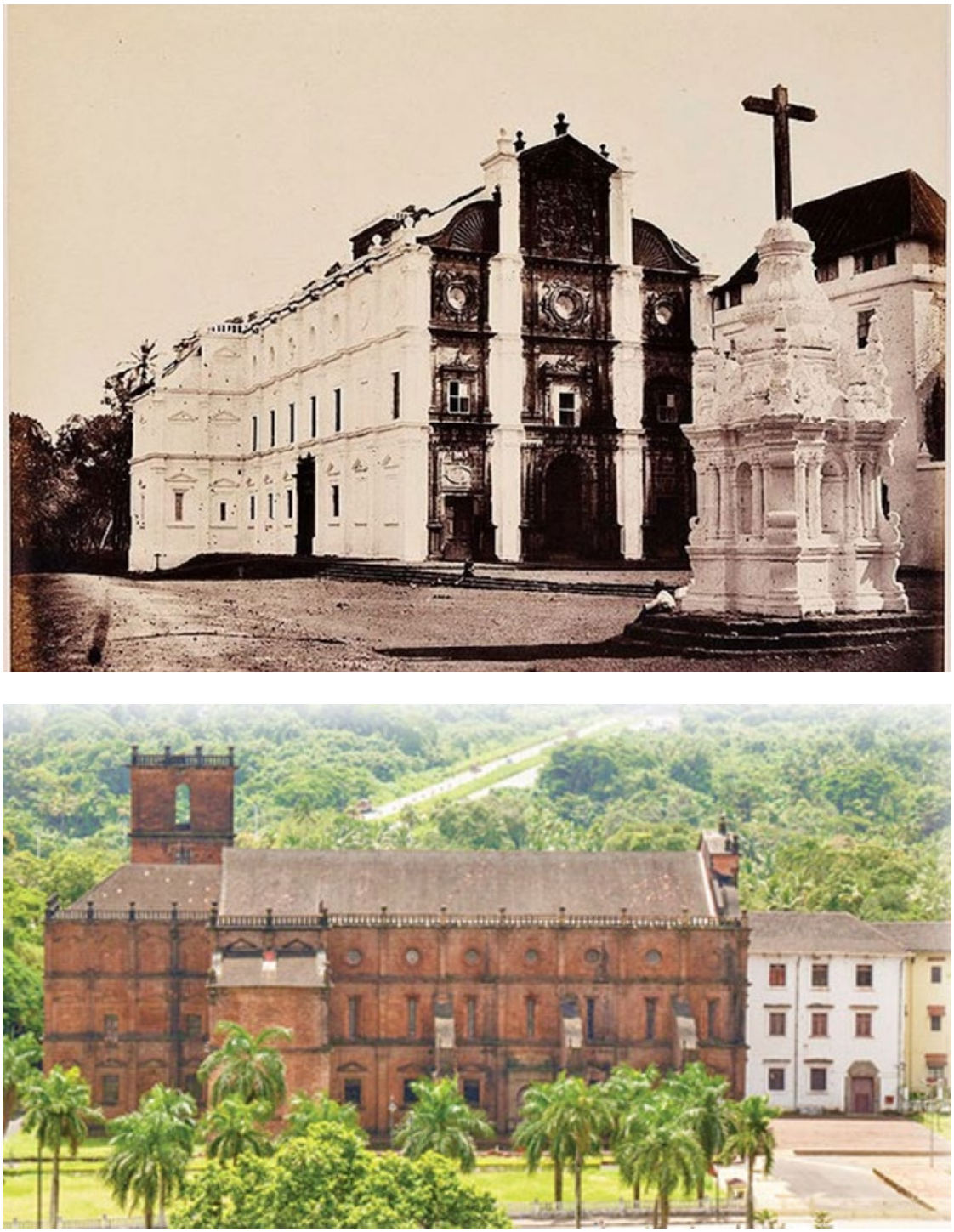


Figura 1. Fachada lateral da Basílica: em cima, em 1859 e em baixo, na actualidade |
Side face of Basilica: above, in 1859 and below, nowadays

que a actual fachada de laterite sem gesso da Basílica é uma aparência bastante recente deste antigo e importante edifício. A Basílica foi rebocada até a década de 1950. As pessoas também ficariam chocadas se soubessem disso quase 70 anos depois; este visual sem gesso está, na verdade, colocando em risco a própria vida do edifício.

A política de remoção de gesso

A laterite sem gesso, como vista na fachada da Basílica, historicamente nunca foi amplamente utilizada em Goa como elemento arquitectónico. E por que seria? Uma pedra porosa que apresenta um desempenho imprevisível quando exposta à água, a laterite não é adequada para as condições de humidade de Goa. No entanto, a sua abundância em Goa tornou-o numa escolha popular de pedra para construção e o reboco é a melhor forma de o proteger das intempéries. Na verdade, o efeito do gesso de cal nesta pedra porosa permite que os edifícios combatam eficazmente o aumento da humidade no interior do edifício.

A história da remoção do gesso da Basílica está

is a fairly recent look of this ancient and important building. The Basilica was in fact plastered until the 1950s. People would also be shocked if they were told that nearly seventy years later, this unplastered look is actually jeopardizing the very life of the building.

The politics of plaster removal

Unplastered laterite as seen in the facade of the Basilica has historically never been widely used in Goa as an architectural element. And why would it? A porous stone that performs unpredictably when exposed to water, laterite is not suited to the humid conditions of Goa. However, its abundance in Goa has made it a popular choice of stone for construction and plastering it is the best way to protect it from the elements. Indeed, the effect of the lime plaster on this porous stone allows for the buildings to effectively combat the build-up of humidity within the building.

The story of how the Basilica came to have its plaster knocked off is intimately tied to the history of the final decades of Portuguese India . The Estado Novo, the Portuguese regime that emerged in the early

Figura 2. A Basílica esteve rebocada com gesso de 1605 à década de 1950 | *The Basilica was plastered from 1605 to 1950's (*Fotografia: Souza e Paul; cortesia: Biblioteca Central, Pangim) | *Picture: Souza and Paul; courtesy: Central Library, Panjim)*

intimamente ligada à história das últimas décadas da Índia Portuguesa. O Estado Novo, o regime português que emergiu no início dos anos 1930 sob o Dr. António Oliveira Salazar, prometia uma renovação política e cultural de Portugal. Isso envolveu uma grande renovação de monumentos em todo o país, e também em Goa.

Exaltar as virtudes da tradição e criar narrativas entre o presente e um passado glorioso, selectivamente lembrado, é o kit de ferramentas padrão de regimes ditatoriais que modificam e reconstroem monumentos clássicos como um meio para atingir esse fim. Em Goa, este movimento de restauração arquitectónica encontrou outra dimensão. O Estado Novo enfrentava a pressão de uma Índia recém-independente, que começou a exigir que Portugal entregasse Goa e seus territórios subcontinentais. O Estado Novo recusou-se obstinadamente a acolher a ideia e, em vez disso, introduziu uma série de medidas para impulsionar os laços sociais, económicos e religiosos entre Goa e a metrópole.

Estendendo o projecto arquitectónico até Goa, o Estado enviou o arquitecto Baltazar da Silva Castro à Velha Goa, antigo coração de seu império. Sua missão era melhorar a infraestrutura para o quarto centenário da morte de São Xavier e a grande exposição de seus restos mortais em 1952. São Francisco Xavier teve um grande número de seguidores na Ásia e a exposição ofereceu ao Estado Novo um meio de conter a tendência narrativa descolonizadora de segurar no Oriente.

Castro conduziu esse processo com mão pesada. Com o objectivo de projectar um olhar de antiguidade e continuidade histórica da presença portuguesa na Ásia, mandou retirar o reboco da Basílica e substituir o telhado da torre sineira por uma laje de concreto. Um acto semelhante de reboco realizado no Arco dos Vice-Reis levou ao seu colapso. Embora tais intervenções também tenham sido realizadas em Portugal, esses edifícios eram muitas vezes construídos com pedras mais duráveis e não tiveram de sofrer as monções implacáveis de Goa.

Remover o reboco da Basílica era um acto controverso até mesmo na época. A abordagem de cima para baixo de Fidel às questões resultou na primeira reacção às

1930s under Dr. António Oliveira Salazar, promised a political and cultural renewal of Portugal. This involved a major renovation of monuments across the country, including Goa.

Extolling the virtues of tradition and creating narratives between the present and a selectively remembered glorious past is the standard toolkit of dictatorial regimes that modify and rebuild classical monuments as a means to achieve this end. In Goa, this movement of architectural restoration found another dimension. The Estado Novo was facing pressure from a newly independent India which began demanding that Portugal hand over Goa and its sub-continental territories. The Estado Novo stubbornly refused to entertain the idea, and instead introduced a series of measures to boost the social, economic and religious ties between Goa and the metropole.

Extending its architectural project to Goa, the Estado sent architect Baltazar da Silva Castro to Old Goa, the former heart of its empire. His brief was to improve the infrastructure for the quater centenary of St. Xavier's birth and grand exposition of his remains in 1952. St. Francis Xavier had a large following in Asia and the exposition offered the Estado Novo a means to counter the de-colonizing narrative taking hold in the East.

Castro went about this process with a heavy hand. In order to project a look of antiquity and historic continuity of the Portuguese presence in Asia he ordered knocking off the plastering of the Basilica along with replacing the roof in the bell tower with a concrete slab. A similar act of deplastering carried out on the Arch of the Viceroys led to its collapse. While such interventions were also carried out in Portugal, those buildings were often built of more durable stone and did not have to suffer the unforgiving monsoons in Goa.

De-plastering the Basilica was a controversial act even at the time. Castro's top-down approach to matters resulted in the first backlash to his interventions coming from his contemporary Luis Benavente. A detailed report sent to Lisbon stressed the importance of replastering the laterite stone of the Basilica as these interventions were not suited to the climatic conditions of Goa, especially the monsoons.

Figura 3. Rápida erosão da fachada sem o reboco; foto em baixo: destroços da laterite no chão | *Rapid erosion of the umplastered stone, picture below: laterite debris on the ground (*cortesia | *courtesy: Lester Silveira)*

suas intervenções vindas de seu contemporâneo Luís Benavente. Um relatório pormenorizado enviado a Lisboa sublinhou a importância do reboco da pedra laterítica da Basílica, visto que estas intervenções não se adequaram às condições climáticas de Goa, nomeadamente às monções. Os acontecimentos de 1961 impediram a implementação destas medidas e Goa passou a fazer parte da União Indiana com o seu santo mais famoso alojado numa Basílica sem reboco e estruturalmente comprometida.

O nascimento da arquitectura laterítica exposta

Após 1961, arquitecto locais como Bruno Souza e Sarto Almeida abraçaram o vocabulário modernista de concreto aparente, telhados planos e linhas limpas. Chandigarh era o novo ponto de referência, não a Velha Goa. Uma característica fundamental da arquitectura modernista foi sua rejeição das influências arquitectónica regionais em favor de ideais mais universais. Os edifícios modernistas, no entanto, tiveram um desempenho ruim em condições tropicais, pois careciam de uma resposta climática

The events of 1961 prevented these measures from being implemented and Goa became part of the Indian Union with its most famous saint housed in an unplastered and structurally compromised Basilica.

The birth of exposed laterite architecture

Post 1961, local architects like Bruno Souza and Sarto Almeida embraced the modernist vocabulary of exposed concrete, flat roofs and clean lines. Chandigarh was the new point of reference, not Old Goa. A key feature of the modernist architecture was its rejection of regional architectural influences in favour of more universal ideals. Modernist buildings, however, performed poorly in tropical conditions as they lacked an appropriate climatic response. The movement did not flourish in Goa.

In 1983, Charles Correa designed the Kala Academy in Panjim. It was Goa's most significant architectural commission of its day. It juxtaposed a modernist spatial layout with an aesthetic collage of Goan upper class imagery. The walls of the cultural centre were dressed in a laterite cladding, which fulfilled a

Figura 4. Falso restauro com lajes de cimento no telhado da torre sineira, na década de 1950 | *False restauration using concrete slabs on roof of bell tower in the 1950's* (cortesia | *courtesy: Lester Silveira)*

Figura 5. Primeiro andar, corredor exterior – necessidade de conservação | *First floor, external corridor – need for conservation* (cortesia | *courtesy*: Lester Silveira)

adequada. O movimento não floresceu em Goa.

Em 1983, Charles Correa projectou a Kala Academy em Pangim. Foi a comissão arquitectónica mais significativa de Goa na época. Ele justapôs um layout espacial modernista com uma colagem estética de imagens da classe alta goesa. As paredes do centro cultural foram revestidas com um revestimento de laterite, que cumpriu um papel puramente estético. Esta foi uma escolha curiosa de material, uma vez que a laterite é uma pedra absorvente não utilizada tradicionalmente como material de revestimento em Goa. A partir da escolha dos temas locais a que Corrêa aludiu na concepção do espaço, pode-se inferir que as influências subliminares da basílica sem reboco tiveram um papel fundamental na escolha do material para a Kala Academy.

Em meados da década de 1980, surgiu uma nova onda de arquitectura pós-moderna e regionalista que se enraizou firmemente em Goa. Práticas locais florescentes lideradas por Gerard da Cunha, Dean D'Cruz e KD Sadhale abraçaram o uso de laterite sem gesso em uma variedade de estruturas residenciais,

purely aesthetic role. This was a curious choice of material as laterite is an absorbent stone not used traditionally as a cladding material in Goa. From the choice of local themes Correa alluded to in the design of the space, one can infer that the subliminal influences of the unplastered Basilica played a key role in this choice of material for the Kala Academy.

The mid 1980s saw the rise of a new wave of post modern and regionalist architecture firmly taking root in Goa. Flourishing local practices lead by Gerard da Cunha, Dean D'Cruz and K.D.Sadhale embraced the use of unplastered laterite in a range of residential, hospitality, religious and high-end structures. These practices captured the imagination of all communities of Goa. New linguistic terms were coined for the practise of using unplastered laterite as an architectural feature: "exposed laterite architecture" or simply "exposed architecture". By a strange twist of history, the aesthetic sensibilities of Baltazar da Silva Castro, architect to a totalitarian regime, found followers in democratic India!

None of these architects attribute their choice of

hoteleiras, religiosas e de alto padrão. Essas práticas capturaram a imaginação de todas as comunidades de Goa. Novos termos linguísticos foram cunhados para a prática de usar a laterite não gessada como uma característica arquitectónica: "arquitetura de laterite exposta" ou simplesmente "arquitectura exposta". Por uma estranha reviravolta da história, as sensibilidades estéticas de Baltazar da Silva Castro, arquitecto de um regime totalitário, encontraram adeptos na Índia democrática.

Nenhum desses arquitectos atribui a escolha da laterite sem gesso à influência das paredes externas da Basílica. Em vez disso, eles racionalizam sua escolha com base em uma série de factores, do ambiental ao tradicional. No entanto, as únicas estruturas arquitectónicas importantes em Goa que não foram rebocadas antes da Basílica foram estruturas medievais como o Templo Mahadev em Tambdi Surla, o Safa Masjid em Pondá e fortes espalhados por todo o estado. Essas estruturas sofreram ruína significativa e seus exteriores expostos não tinham nada a ver com a tradição ou as suas técnicas de construção originais.

Uma terra de praias e igrejas

Numa palestra recente no Centro de Pesquisa Histórica Xavier, o Dr. Vishvesh Kandolkar, da Faculdade de Arquitectura de Goa, argumentou que a imagem duradoura da Basílica e sua associação com Goa também foi resultado de várias campanhas de marketing turístico promovidas pelo Estado Indiano. Se Paris tinha sua Torre Eiffel, Goa precisava de um símbolo arquitectónico universal para se anunciar como um destino turístico popular. A Basílica foi feita sob medida para esse papel. Era reconhecível no Ocidente de uma forma que nenhuma outra estrutura arquitectónica poderia igualar.

As campanhas do Turismo de Goa das décadas de 1980 e 1990 mostram imagens coladas da Basílica com praias com palmeiras, embora a Velha Goa esteja localizada longe da costa. Estas colagens também reforçaram a ideia de que Goa não era só praias, mas também tinha igrejas para oferecer - ao contrário do resto do país. Uma imagem do Ocidente ao alcance dos turistas indianos foi assim criada.

O exterior em ruínas da Basílica também implicava

unplastered laterite to the influence of the exterior walls of the Basilica. Instead, they rationalize their choice based on range of factors from the environmental to the traditional. However, the only important architectural structures in Goa that were unplastered prior to the Basilica's were medieval structures like the Mahadev Temple in Tambdi Surla, the Safa Masjid in Ponda and forts spread across the state. These structures had undergone significant ruination and their exposed exteriors had nothing to do with tradition or their original construction techniques.

A land of beaches and churches

At a recent lecture at the Xavier Centre of Historical Research Dr. Vishvesh Kandolkar from the Goa College of Architecture argued that the enduring image of the Basilica and its association with Goa was also a result of various tourism marketing campaigns promoted by the Indian state. If Paris had its Eifel Tower Goa needed a universal architectural symbol to market itself as a popular travel destination. The Basilica was a tailor-made for that role. It was recognizable in the West in a way no other architectural structure could match.

Goa Tourism campaigns of the 1980s and 1990s show collaged images of the Basilica with palm-lined beaches, though Old Goa is located away from the coast. These collages also reinforced the idea that Goa was not all beaches, but also had churches to offer - contrary to the rest of the country. An image of the West within easy reach to the Indian tourists was thus created.

The ruined exterior of the Basilica also implied a minority religion in decline, which sat well with the benevolent frameworks of Indian nationalism of the time.

The architecture of the Basilica

The Basilica is not the largest church in Goa and its scale, architectural style and materiality is a result of the evolving nature of the original construction undertaken by the Society of Jesus (better known as the Jesuits).

A grand Basilica was not even originally planned in Old Goa. Instead, the Jesuits first began with the

Figura 6. Um crescente número de paredes com infiltração pela humidade ao longo do ano | *An increasing number of walls are damp through the year* (cortesia | *courtesy*: Lester Silveira)

uma religião minoritária em declínio, que se encaixava bem com as estruturas benevolentes do nacionalismo indiano da época.

A arquitectura da Basílica

A Basílica não é a maior igreja de Goa e a sua escala, estilo arquitectónico e materialidade resultam da natureza evolutiva da construção original empreendida pela Companhia de Jesus (mais conhecida como Jesuítas).

Nem mesmo uma grande basílica foi planeada originalmente na Velha Goa. Em vez disso, os jesuítas começaram com a construção da Casa Professa que fica ao lado dela. Foi somente depois que a Casa Professa estava quase concluída que o plano de reforma da fachada da igreja anexa foi implementado.

Isso explica o fato de a Basílica estar protegida da chuva pelo telhado adjacente da Casa Professa. É bem diferente de qualquer outra fachada de igreja em Goa, que se eleva acima dos prédios e da paisagem adjacentes e absorve toda a força das monções. Essa característica arquitectónica única é o que protegeu a Basílica e a poupou do destino do Arco dos Vice-Reis, que ruiu durante as monções quando seu gesso foi igualmente valorizado de sua estrutura três séculos depois.

De acordo com o teórico da arquitectura Henri Lefebvre, os espaços monumentais oferecem aos membros da sociedade uma imagem de pertença, uma imagem de seu semblante social. Uma ordem ambiciosa como a dos jesuítas precisava ter um monumento arquitectónico de escala apropriada também para seus seguidores. Eles comprometeram o tamanho da fachada da Basílica, investindo na sua rica ornamentação. O granito foi trazido de Bassein (Vasai) porque era uma pedra mais dura do que a laterite e permitia melhores resultados ornamentais e podia ser deixado sem gesso.

Os detalhes ornamentais resultantes da fachada são um híbrido fascinante de designs europeus interpretados por artesãos locais, tornando-a uma das fachadas de igreja mais interessantes e influentes da Ásia.

construction of the Casa Professa that stands adjacent to it. It was only after the Casa Professa was nearly completed that the plan to upgrade the facade of the attached church was implemented.

This accounts for the Basilica being tucked into the rain shadow of the adjacent roofscape of the Casa Professa. This is quite unlike any other church facades in Goa which tower above the adjacent buildings and landscape, and absorb the full force of the monsoons. This unique architectural feature is what has protected the Basilica, and spared it from the fate of the Arch of the Viceroys, which collapsed in the course of the monsoons when its plaster was similarly prised from its structure three centuries later.

According to architectural theorist Henri Lefebvre, monumental spaces offers members of society an image of membership, an image of his or her social visage. An ambitious order like the Jesuits needed to have an architectural monument of an appropriate scale for its followers too. They compromised on the size of the facade of the Basilica by investing in its rich ornamentation instead. Granite was brought in from Bassein (Vasai) as it was a harder stone than laterite and allowed for better ornamental outcomes and could be left unplastered.

The resultant ornamental details of the facade are a fascinating hybrid of European designs interpreted by local craftsperson's making it one of the most interesting, and influential, church facades in Asia.

The Basilica and Goan Church architecture

For close to three and half centuries since its consecration in 1605 the lime plastered and whitewashed Basilica influenced important developments of the Goa's built environment.

In his book Whitewash, Red Stone the late Portuguese architectural historian Paolo Varela Gomes charts out the important role the Basilica played in developing and inspiring the construction of whitewashed parish church in Jesuit-controlled territories. His research also charts out how almost every each and every parish church in Goa has the same spatial typology of Basilica but with varying dimensions.

It was through imitation of the lime plastered and whitewashed Basilica that the white washed

Arquitectura da Basílica e da Igreja Goesa

Durante quase três séculos e meio, desde a sua consagração em 1605, a Basílica revestida a cal e caiada influenciou desenvolvimentos importantes do ambiente construído de Goa.

No livro 'Cal, Pedra Vermelha', o falecido historiador da arquitectura português Paulo Varela Gomes descreve o importante papel que a Basílica desempenhou no desenvolvimento e na inspiração da construção da igreja paroquial caiada em territórios controlados pelos jesuítas. Sua pesquisa também mostra como quase todas as igrejas paroquiais de Goa têm a mesma tipologia espacial da basílica, mas com dimensões variáveis.

Foi através da imitação da Basílica, rebocada com cal e caiada, que a igreja paroquial caiada de branco se erguendo majestosamente sobre a vegetação tropical, e os telhados de telhas vieram definir a paisagem goesa. O desenvolvimento das igrejas caiadas de branco em Goa (Ilhas, Bardez e Salsete) levou ao desenvolvimento de um código estético simples que obrigava as casas a serem pintadas em cores para oferecer um contraste com a igreja. Esta característica estética, chave, tornou as aldeias e cidades de Goa visualmente distintas de outros assentamentos na costa de Concão.

Figura 7. Galeria exterior - deterioração patente | *External gallery - patent deterioration* (cortesia | *courtesy*: Lester Silveira)

Regimes mudados e tempos de mudança

Em 1964, o Archaeological Survey of India (ASI) começou a operar em Velha Goa a partir do círculo de Aurangabad. A proeminência transnacional da Basílica tornou-a um activo único para o governo central e parte do projecto nacional de Nehru que visava desenvolver uma política que fosse benevolente para as minorias. As relíquias de São Francisco Xavier situadas na Basílica do Bom Jesus foram agora mantidas pelo Estado indiano, ajudando a garantir a imagem da Índia como uma república secular aos olhos do mundo.

A injecção de fundos do governo central nas décadas de 1970 e 1980 proporcionou uma melhoria significativa no complexo de Velha Goa, ao mesmo tempo que o tornou mais acessível ao público em geral. As relíquias de São Francisco Xavier ainda alojadas na Basílica atraíram fiéis e curiosos em número cada vez maior.

parish church rising majestically above the tropical vegetation and tiled roofs came to define the Goan landscape. The development of the white washed churches across Goa (Ilhas, Bardez and Salcette) led to the further development of a simple aesthetic code that mandated houses to be painted in colours to offer a contrast to the church. This key aesthetic feature made Goa's villages and towns visually distinct from other settlements on the Konkan coast.

Changed regimes and changing times

In 1964, the Archaeological Survey of India (A.S.I.) began operating in Old Goa from its Aurangabad circle. The transnational prominence of the Basilica made it a unique asset for the central government and part of the Nehruvian national project that aimed to develop a polity that was benevolent to its minorities. The relics of St. Francis Xavier situated

No entanto, hoje os Jesuítas não são mais donos da Basílica. Após a sua expulsão de Goa em 1759, a propriedade foi passada para a Arquidiocese de Goa e Damão, que por sua vez permitiu aos Jesuítas administrarem. Para complicar ainda mais as coisas, o Archaeological Survey of India (ASI) é o guardião da propriedade em nome do governo central. Essa mistura complexa de propriedade e a relação difícil entre a Igreja e a ASI resulta em escaramuças públicas e nos bastidores entre esses actores e compromete a manutenção da Basílica.

A última década viu uma falta de investimento em muitas agências do governo central como a ASI e uma tendência marcante de ceder monumentos nacionais aos interesses corporativos. Além disso, a basílica e os sítios arqueológicos da Velha Goa não podiam mais ser alinhados com a narrativa nacionalista hindu emergente que se enraizava no país.

Com a canonização de São José Vaz em 2015, Goa finalmente teve um Santo local próprio e houve uma mudança perceptível das prioridades da Arquidiocese fora da Basílica. As celebrações anuais da festa de São José Vaz aumentaram de dimensão e uma grande construção foi empreendida para construir o Centro de Renovação Espiritual de São José Vaz na Velha Goa. Há planos para construir outra igreja dedicada ao santo goês em Sancoale.

in the Basilica of Bom Jesus were now maintained by the Indian state, helping to secure India's image as a secular republic in the eyes of the world.

The infusion of central government funds in the 1970s and 1980s saw a marked improvement in the Old Goa complex while making it more accessible to the general public. The relics of Saint Francis Xavier still housed within the Basilica attracted the faithful, and curious, in ever increasing numbers.

However, today the Jesuits no longer own the Basilica. After their expulsion from Goa in 1759 the property was passed onto the Archdiocese of Goa and Daman which in turn permits the Jesuits to administer. To further complicate matters the A.S.I. is the guardian of the property on behalf central government. This complex mix of ownership and the uneasy relationship between the church and A.S.I. results in public and backstage skirmishes between these actors and compromises the upkeep of Basilica.

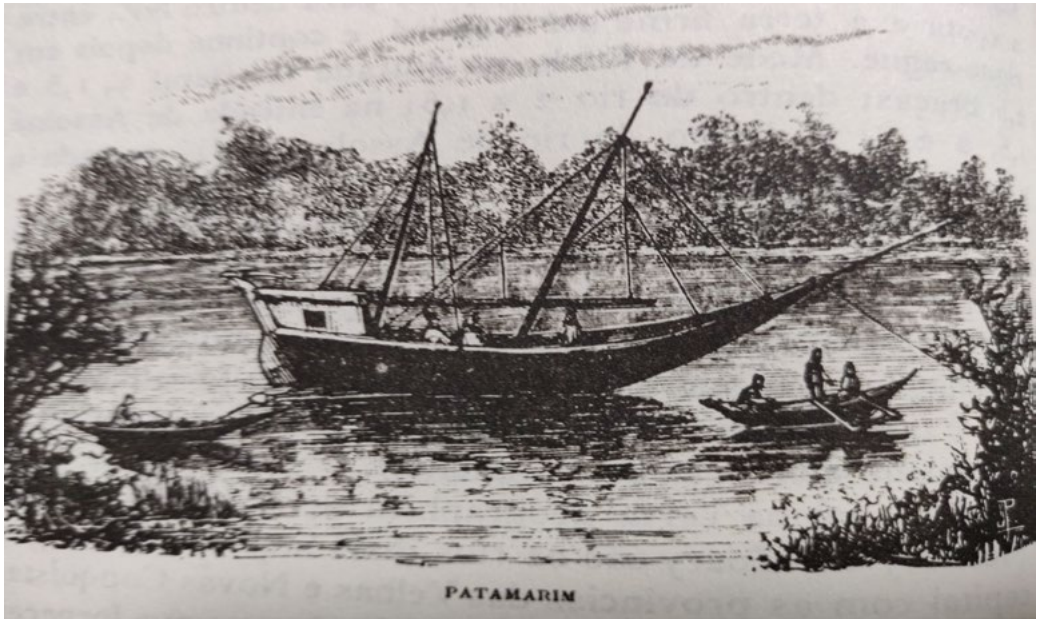
The past decade saw a lack of investment in many central government agencies like the A.S.I. and a marked tendency to hand over national monuments to corporate interest. Further, the Basilica and archaeological sites of Old Goa could no longer be aligned with the emerging Hindu nationalist narrative taking root in the country.

With the canonization of St. Joseph Vaz in 2015, Goa finally had a local saint of its own and there has been a noticeable shift of the priorities of the Archdiocese away from the Basilica. The annual celebrations of the feast of St. Joseph Vaz have grown in size and a massive construction was undertaken to build the St. Joseph Vaz Spiritual Renewal Centre in Old Goa. There are plans afoot to build another church dedicated to the Goan saint in Sancoale.

Notas biográficas | Biographical Notes

Fernando Dias Velho, é arquiteto pela Goa College of Architecture e pela University of Michigan. Dirige um estúdio de design multidisciplinar chamado Studio Woodpecker. É também membro fundador de uma iniciativa social denominada Coletivo Goa e professor de desenho urbano na Faculdade de Arquitetura de Goa.

Fernando Dias Velho is an architect practising in Goa and runs a multidisciplinary design studio called Studio Woodpecker. He is also a founding member of a social initiative called the Goa Collective and a professor of urban design at the Goa College of Architecture. He is an architect based in Goa with degrees from the Goa College of Architecture and the University of Michigan



Patamarim (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

As celebrações da Epifania em Goa
Parte II - Multiplicidade de sincretismo

Celebrations of Epiphany in Goa
Part II - An exultation of syncretism

Celina de Vieira Velho e Almeida

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai Universities, Goa

Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/Mumbai, Goa

Resumo
As celebrações da Epifania em Goa são um paradigma do sincretismo religioso. Uma cultura católica, rica em espiritualidade, incorpora nas suas manifestações, algumas crenças da religião hindú, a que pertenceram, antes de se terem convertido ao cristianismo. Infelizmente, estas práticas têm, por vezes, sido deletérias no que diz respeito à harmonia na comunidade católica goesa.

Abstract
Epiphany celebrations in Goa are a paradigm of religious syncretism. A Catholic culture, rich in spirituality, incorporates in its manifestations, some beliefs of the Hindu religion, to which they belonged, before they converted to Christianity. Unfortunately, these practices have sometimes been deleterious with regard to harmony in the Goan Catholic community.

"*Se na minha reincarnação, os deuses me pedissem para escolher um lugar onde desejasse nascer de novo, escolheria Goa, pela sua beleza natural, que tem o encanto de aprimorar o espírito humano com criatividade e espiritualidade*"
- de um poema em Konkani, de Bakibab Borkar

"If in my reincarnation the gods asked me to choose a place where I would like to be born again, I would undeniably choose Goa because of its natural beauty that uplifts the human spirit with gifts of creativity and spirituality"
- from a poem in Konkani by Bakibab Borkar

O que leva um goês, hindú ou católico, a ter um amor inabalável à sua pequena terra, Goem ou Goa, separada geograficamente do resto da India e banhada na costa ocidental pelo Mar Arábico?

O goês tem laços profundos ao território onde vive, à sua beleza natural, à sua história e à sua cultura e identidade étnica. Goeses, católicos e hindus, influenciados pela cultura portuguesa por mais de 450 anos, lutam para manter essa simbiose das culturas. Ela não pode desaparecer subitamente.

As comunidades, hindú e católica, viveram, e vivem, em harmonia até ao presente. Cada grupo observa os rituais da sua religião, mas ao mesmo tempo respeitam o "outro". Este atributo, é uma marca inconfundível da sociedade goesa. O catolicismo, praticado pelos goeses, não se adapta plenamente com a doutrina da Igreja Católica Romana. Ela (Igreja goesa) demonstra um sincretismo que abriga as crenças e os tabus de uma cultura anterior. Os Brâmanes e os kshatryas adoptaram, com agrado, o sistema de castas do Hinduísmo para a nova religião católica adoptada por eles.

A hindu or a catholic Goan, rooted to this small state Goa or Goem, separated from the rest of India by a massive chain of mountains, the Western Ghats and washed by the Arabian Sea to the west, why does a hindu have an unwavering love for Goa?

Its natural beauty, its impressive History, its valuable culture, and his ethnic identity have created deep bonds with the land. Goans, of any faith, who were ruled by the Portuguese over 450 years, strive to balance the cultural symbioses of which they are the representatives. The symbioses cannot ebb suddenly.

The Hindu and the Christian communities have lived, and live, in great harmony till the present. Each group observes the rituals of its religion but at the same time respects "the other". This a consistent characteristic of the Goan society. The Catholicism practiced by the goans does not follow the system of beliefs mandated by the Roman Catholic Church. The Goan Church reveals a syncretism that harbors the beliefs and the taboos of a previous culture. The Brahmins and the Kshatryas transported, with great delight and ecstasy, the system of Castes from the

Figura 1. Igreja de Reis Magos | *Church of Reis Magos*

Figura 2. Igreja de Nossa Senhora de Belém, em Chandor | *Church of Our Lady of Belem, Chandor*

É no contexto da história das conversões que temos de analisar as celebrações da Epifania em Goa.

As aldeias de Reis Magos, Chandor e Cuelim são regiões com geografia diferente:

- A de Reis Magos, à beira do Mandovi, politicamente de grande importância para os impérios que dominaram Goa.
- Chandor, no interior de Salcete, a primeira capital de Goa, e Cuelim, num monte onde a população, predominante, como noutras aldeias, é da era pré-cristã.

As construções das Igrejas, nas três aldeias, sobre as ruínas dos templos demolidos, não podem, ainda hoje, apagar os atritos causados.

A festa dos Reis, nestas aldeias, foi iniciada por Kshatryas - a comunidade de Chardós. Ricos proprietários, donos de vastas herdades, incorporaram as tradições pré-cristãs nas celebrações da Epifania e transformaram-nas em cristianismo indianizado.

Apesar da Igreja Católica não aceitar o sistema de castas do Hinduísmo, os cristãos convertidos insistiram, e ainda hoje insistem, que só a casta dominante tem o direito de serem escolhidos como

Hinduism to the new religion adopted by them, the Catholicism.

It is in this background of the history of conversions that we must analyze the celebrations of Epiphany in Goa.

The villages of Reis Magos, Chandor and Cuelim are regions of diverse geographical features.

Reis Magos is on the banks of the River Mandovi, politically of enormous importance to the kingdoms that ruled over Goa, Chandor in the interior of Salcete and the first capital of Goa and the chapel at Cuelim, perched on a hill, with the predominant religion, as in other villages, being pre-Christian.

The constructions of the Churches, in the above-mentioned villages, on the ruins of the demolished temples have caused hurts that Time cannot obliterate. The feast of the Magi in these villages was an initiative of the Kshatryas or Chardós, wealthy landlords, owners of vast domains who incorporated the pre-Christians traditions in the celebrations of Epiphany in Goa and gave them a tinge of indigenous Christianity.

Although the system of castes of the Hinduism is

Figura 3. Igreja de Reis Magos, altar-mor | *Church of Reis Magos, high altar* (cortesia: Fernando Almeida)

Reis. Infelizmente, esta divergência levou a Igreja de Chandor a suspender as celebrações (1946 – 1976). Hoje, só a classe dos trabalhadores rurais, os Shudras, é que participam na festa por terem alcançado um nível económico bastante alto, fruto da emigração para os países árabes, para o Reino Unido, ou a trabalharem na marinha mercante.

A aldeia de Cuelim continua a ser inflexível nas suas regras. Em Reis Magos, o problema resolveu-

Figura 4. A procissão em Chandor | *The procession in Chandor*

not acceptable by the Roman Catholic Church, the newly converts insisted, and they do so till date, that only the Chardos or the Kshatryas have the right to be chosen as the Magi for the feast on the 6th.of January. Sadly, the church at Chandor had to shelve the celebrations of the Magi from 1946 till 1976. Today, only the Shudras, the artisan, and the laboring class, participates in the feast as emigration to the Gulf, to the U.K or working in the Merchant Navy have given them a high economic status that assists them to foot the expenses of the feast. The village of Cuelim continues to be adamant in its views of not allowing the participation of non ksahtryas.

At Reis Magos it was a dissimilar situation. The Catholic population being a minority and with less financial power, the problem was solved peacefully.

The outfits of the Magi embroidered minutely with golden threads, studded with precious stones and diamonds exhibit the pride and the flamboyance of the wealth of Kshatriyas. The journey of the Kings riding on horses through the village, protected by colorful umbrellas is not a silent march. Musical bands, crackers and grenades accompany the

Figura 5. A procissão de Reis Magos | *The Reis Magos procession*

se pacificamente porque a população católica é uma minoria sem terras nem poderio económico.

Os trajes dos Reis, minuciosamente trabalhados, com imitações de fios de oiro, de pedras preciosas e brilhantes, manifestam a arrogância e ostentação de riqueza dos antigos kshatryas. A caminhada dos Reis, montados nos cavalos, percorrendo a aldeia, não é silenciosa. Bandas, foguetes e granadas acompanham-nos, como nas peregrinações festivas dos templos.

Em todas as Igrejas de Goa, o Konkani, a língua materna dos goeses tem sido usada nas celebrações desde há muitos anos e é a prova de um elo entre os goeses.

Não há festas sem feiras. E o sincretismo é exibido nas ofertas que os devotos fazem às imagens que são veneradas: os católicos oferendam partes do corpo humano em cera; mãos, pés e outros elementos. Os hindús presenteiam com velas e flores. Correntes e pulseiras de oiro, são oferecidas às imagens da igreja pelos não católicos, em acção de graças pelas preces atendidas do Alto.

E o sincretismo, em Goa, vai continuar…

procession as in the zatras or festive pilgrimages of the temples. In every Church of Goa, Konkani, the mother tongue of the Goans, has been used for many years in the church celebrations and this creates an emotional identification of their ethnicity.

There are no feasts of the churches and the temples without fairs. The syncretism is so obvious in the offerings of the devotees to the images that are venerated: the Catholics present parts of human body in wax like hands, legs whereas the Hindus offer candles and local flowers. Golden chains, bangles, vestments are also offered by both the communities as a token of gratitude for the favours received from the gods.

And the syncretism in Goa will continue in the fullness of Time …

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

For whom the bells toll

Resumo
A Casa de Goa, a nossa associação está de luto. Neste início do ano, alguns dos nossos associados partiram… foram vítimas deste flagelo − a Covid19, mas não só!
São agora uma saudade…
Há um ano, quando os mass media noticiavam, noutros países, os efeitos devastadores da pandemia, estávamos longe de imaginar que a tragédia nos iria tocar tão de perto.
De acordo con Jankélévitch, no seu livro "La Mort", a morte em terceira pessoa, passou a ser em segunda pessoa. A morte de um desconhecido deu lugar a morte de uma pessoa em cuja morte morreu um pouco de nós.
Eles ajudaram a construir a nossa Casa Comum. São parte integrante da nossa reminiscência individual e colectiva.
Eles vivem na nossa memória!

Abstract
Casa de Goa, our association is in mourning. Earlier this year, some of our members left us ... they were victims of this scourge - Covid19. But not only.
We miss them ...
A year ago, when the mass media reported, in other countries, the devastating effects of the pandemic, we were far from imagining that the tragedy would touch us so closely.
According to Jankélévitch, in his book "La Mort", death in the third person, shifted to death in the second person. In the death of each one of them, died a little of us!
They helped to build our Common Home. They are an integral part of our individual and collective reminiscence.
They live in our memory!

Do dobrar dos sinos aos falecidos

Ernest Hemingway, prémio Nobel da Literatura, publicou em 1940, quiçá, o seu romance mais conhecido: *Por quem os sinos dobram*

O título, e não o argumento, reavivou a minha memória, quando, quase em dias sucessivos, uma emocionada e entristecida voz, de outro lado do telemóvel, comunicava-me o falecimento de um nosso associado.

Mas o porquê do encadeamento da denominação do livro com os falecimentos?

Na nossa querida terra, polvilhada de igrejas e capelas, na minha infância e adolescência, o toque dos sinos anunciava as horas, convocava para uma cerimónia religiosa, invocava as Ave-marias…, mas numa tonalidade lúgubre, no silêncio da noite, anunciava a saída do padre para o último sacramento, a "Extrema-unção".

Seguia-se, quase sempre o dobrar, pausado e plangente, que anunciava que alguém rendera a alma ao criador…

Independente de conhecer ou não, rezávamos a jaculatória da ocasião: "Dai-lhe Senhor o Eterno descanso…"

Quem seria o falecido?

Por quem os sinos dobram?

José Filipe Monteiro

MARIA DE LOURDES ELVINO DE SOUSA (MALUDA)

Querida Maluda,

Foi muito difícil acompanhar-te nas últimas semanas em que estiveste em Portugal a perder forças de dia para dia. A doença não dava tréguas. Fizeste-me prometer, antes da partida para Goa, numa viagem que ambas sabíamos seria sem regresso, que nada escreveria sobre ti, porque, conforme nos dizias, tinhas tido o privilégio de receber, em vida, todas as provas de amizade de que precisavas. E tinham sito muitas!

Após a tua morte, a equipa redatorial da Revista da Casa de Goa pediu-me um testemunho por eu ter sido uma das pessoas que mais de perto tinha convivido e trabalhado contigo. Também não podia recusar, porque ambas as premissas são verdadeiras. Então, optei por esta alternativa: não escrevo sobre ti, mas escrevo para ti e, estejas onde estiveres, não podes recusar esta carta.

As pessoas que te conhecem bem sabem que eras uma mulher desassombrada, criativa, de fortes convicções, íntegra e lutadora, por vezes teimosa, e muitas vezes, voluntariosa. Não desistias facilmente, mesmo quando as adversidades pareciam acumular-se para além do razoável. Não baixaste os braços nem deixaste de fazer planos, mesmo sabendo que não terias muito tempo de vida.

Nunca desististe de dar o teu contributo para a causa de uma Casa de Goa atenta à evolução dos tempos e às mudanças necessárias para os acompanharmos, sem perder os objetivos mas ajustando o rumo e as modalidades de atuação. Não poupaste esforços, enquanto membro da Direção ou fora dela, para conceber e desenvolver novos projetos e iniciativas. Foi sempre com particular entusiasmo que te dedicaste à recuperação de sócios com quotas em atraso (lembro-me bem da campanha em que cada sócio que regularizava a sua situação constituía um tijolo no desenho do edifício da Casa de Goa que, assim, ia ficando mais alto à medida que as quotas iam sendo recuperadas). Mais recentemente, respondendo a solicitação expressa, acompanhaste a contabilidade e assumiste a responsabilidade pela organizaçao de eventos. Lembras-te de como admiravamos e nos divertiamos com a tua capacidade organizativa, expressa em rigorosas folhas Excel? Eram pensadas ao pormenor com a definição clara de funções e responsáveis, indo ao pormenor do tempo necessário para a substituição dos mesmos em minutos e segundos quando teriam de fazer uma pausa para almoçar. Dizias sempre que cada um de nós tinha de ser o eixo de uma roda que apenas poderia suportar a carruagem em andamento se todos os eixos estivessem perfeitamente sincronizados e afinados.

O EKVAT foi sempre a menina dos teus olhos. Ainda me lembro das primeiras conversas sobre as possibilidades de formação dum grupo musical, após uma das visitas dos GAVANA a Portugal. Foste uma força decisiva para o EKVAT trabalhar empenhadamente em chegar cada vez mais longe, procurando novas oportunidades de atuação e vencendo obstáculos que, por vezes, pareciam intransponíveis, não fosse o teu entusiasmo e a forte convicção de que seríamos capazes de os vencer pela arte e pela organização. O espetáculo comemorativo do 30º aniversário da Casa de Goa, no Teatro Tivoli,

em 2018, foi o último que fizemos e fica para nós como evocação de tua capacidade de motivação e de entrega.

Coordenaste o grupo durante vários anos e nele assumiste várias funções. Sei que aquela que mais prazer te deu foi a de acompanhar o grupo de jovens dançarinos e vê-los desabrochar na procura de novas coreografias que, sem desvirtuar a génese das nossas danças, correspondessem ao seu próprio entendimento do folclore goês.

Como tantas vezes conversamos nos ensaios e nos jantares após os ensaios, as manifestações culturais não são transponíveis do seu espaço de origem para outros espaços sem serem sujeitas às vivências de quem as transporta e delas se apropria. Contudo, cada ideia nova dos dançarinos era pormenorizadamente discutida e posta em prática, sempre acompanhada de uma explicação sobre a raiz da dança e o seu conteúdo cultural e artístico. Os nossos dançarinos têm para contigo uma enorme dívida de gratidão e sentirão a tua falta de uma forma especial.

Numa das nossas últimas conversas, contigo já em Goa e com alguma dificuldade em falar, desta conta de quanto tinhas apreciado o vídeo feito pelos amigos do Ekvat do presente e do passado, documentando momentos de troca de afetos e de companheirismo que enriquecem a nossa vida individual e enchem a nossa convivência coletiva de boas vibrações. Espero que tenhas gostado de voltar a ouvir alguns dos teus números musicais preferidos a que, por terem sido interpretados em tempos de distanciamento, faltou o brilho e fulgor que só a cumplicidade presencial pode dar!

Mesmo sabendo que não tinhas muito tempo de vida, achavas que ainda seria possível acompanhar os netos e partilhar com eles as tuas vivencias. Tanto querias voltar a viver as memórias de infância e adolescência e envelhecer em Sinquerim, procurando no rio que corre a seus pés a inspiração para concretizares uma das tuas antigas paixões – a escrita!

Não foi assim que aconteceu!

Deixaste-nos cedo demais, com muitos projetos inacabados, mas fica o teu legado que queremos honrar e fazer perdurar. Fica-nos, também, a consolação que viveste a vida nos teus próprios termos e que partiste em paz e sem sofrimento, rodeada do carinho da família.

Um abraço nosso, tão forte que atravesse mundos e dimensões, esperando que na dimensão em que te encontras possas sentir o nosso afeto e a admiração que temos por ti.

Maria Virgínia Brás Gomes

AVITO CARLOS FERREIRA E SOUSA

Carta aberta a meu amigo Avito

O Filipe acaba de me dar a triste notícia com voz embargada e plangente: o nosso Avito é uma saudade. Partiu esta madrugada.

Quando lhe telefonei há dois dias para saber do Avito, proferindo o seu testemunho enquanto médico, avisou-me a chorar que o seu estado de saúde era extremamente grave. Na sua douta opinião, só uma intervenção divina o poderia salvar.

Ao manifestar a minha esperança na possibilidade de um desfecho favorável, como profundamente crente que é, o meu amigo Filipe Monteiro contrapôs a minha expectativa com o único argumento que sempre nos resta quando, em última instância, tudo parece estar perdido: a fé em Deus.

Olhei para o meu interior para descobrir Deus dentro de mim.

Todos sabemos que quem nasce também morre, pois ninguém é eterno, mas quando a morte faz gala em actuar de forma traiçoeira, e até é capaz de se esconder por detrás de uma pequeníssima partícula, invisível a olho nu, readaptando-se e procurando sobreviver, então damos conta como todas as nossas sofisticadas armas para enfrentá-la se tornam insignificantes.

Perante a sua actuação resiliente e silenciosa, ao estar apostada em querer vencer a todo o custo, sem se importar com a dor e a desgraça que semeia ao longo do seu trajecto, constatamos como são ténues os progressos tecnológicos e científicos da humanidade.

Desde 16.03.2020 que temos lido e ouvido, nos órgãos da comunicação social, de forma contínua e exasperante, a referência às mortes causadas por Covid-19 em Portugal.

Em geral, os organismos oficiais avançam com números sem nomes que soam a repercussões longínquas, mesmo quando a sua quantidade galopa de forma alarmante. Na reacção espontânea que manifestamos, quase sempre acabamos por lamentar o fim desses desventurados com palavras ou frases contristadas, porque toda a vida é preciosa, em especial, para os entes mais próximos. Mas quando o falecido tem um nome, deixa logo de fazer parte da estatística e se, porventura, essa pessoa nos é demasiado querida, atinge-nos como um punhal fulminante e penetra no nosso âmago fazendo jorrar jactos implacáveis de dor angustiante.

Conheci o Avito Carlos Ferreira e Sousa desde os bancos do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, em Pangim, capital da nossa saudosa terra natal, Goa. Enquanto miúdos frequentávamos a praia de Caranzalém, onde ele animava o grupo de amigos cantando, enquanto o seu irmão Buiu, Mário Ferreira, o acompanhava fazendo vibrar os sons melodiosos da sua viola.

Na minha incapacidade de distinguir talentos, confesso que nessa altura, jamais me apercebi que aquela voz era única, um precioso dom que a natureza lhe concedera para deleite dos ouvintes.

Como posteriormente morei em Betim e ele em Porvorim, era no Ferry que cultivávamos a nossa amizade, durante a travessia do rio Mandovi caminhando, às vezes, juntos e em amena cavaqueira até ao Liceu.

Após 18.12.1961, não deixámos Goa na mesma altura, mas encontrámo-nos em Carachi e juntos

embarcámos para Lisboa, no navio Índia. Ele, o seu pai, Carlos Ferreira, exímio violinista, e o seu irmão, Mário, foram os principais animadores dos serões da viagem.

De Lisboa, enquanto fui mobilizado para prestar o serviço militar em Angola, Avito foi parar a Timor, mas quis a fortuna que alguns anos depois fôssemos colegas na Repartição das Finanças, do 2º Bairro Fiscal, em Lourenço Marques, altura em que me casei.

Ao escrever este texto, em cada letra que dedilho esgravato o chão da minha memória e visualizo, perfeitamente, neste preciso momento, a actuação do Avito, no dia do aniversário da minha mulher, Ana Inês, munido da sua viola e acompanhado do nosso amigo comum, José Manuel Fonseca, postado junto da varanda da nossa casa e cantar os parabéns e outras canções para a minha mulher.

Após a revolução de 1974, em Portugal, com profundas repercussões no mundo português e os consequentes novos rumos que a vida foi obrigada a traçar, reencontrámo-nos em Lisboa.

Como Goa continuava a vibrar no seu coração, o Avito participou activa e empenhadamente na fundação da Casa de Goa e, posteriormente, do Suryá.

Foi o primeiro presidente do Conselho Fiscal da Casa de Goa e também fez parte dos seus corpos directivos. São inumeráveis e diversificados os serviços por ele prestados, sobretudo, à Casa de Goa, com especial relevância para a organização e condução de eventos, tanto de Carnaval como da festa da passagem do Ano, assim como na realização da tradicional sardinhada. Foi ele quem instituiu a menina dos seus olhos: o baile de Rosas.

O Avito cantava, dançava e animava as pessoas, tanto no Suryá como no Ekwat. Era um homem generoso, sempre pronto a colaborar a favor dos mais necessitados, da Igreja católica e dos mais idosos, com dádivas generosas e trabalho empenhado. Não era contador de anedotas, mas praticava uma ironia fina. Fazia perguntas certas no momento apropriado, com ar sério e rosto espantado, levando-nos invariavelmente a sorrir. Um dia, por ter justificado o meu ligeiro atraso por causa do transporte, perguntou-me com os olhos esbugalhados:

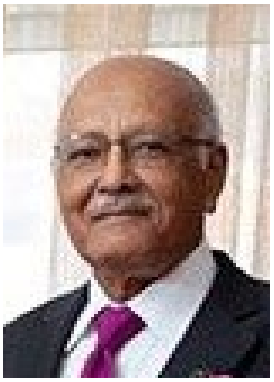
- O quê? De ontem para hoje, mudaram a estação do metro de Roma?

Apesar dos seus vários predicados e embora também tocasse viola e ghumot (instrumento de percussão, membranofone, muito típico e popular de Goa), onde o Avito mais se distinguiu foi no canto.

Nos dois cd's do Suryá, Saudade de Goa e Reviver Goa, o Avito foi um dos principais solistas. Se escutá-lo a cantar Can't Help Falling In Love, de Elvis Presley, era estar em presença de uma voz com toque divinal, ouvir o solo do Avito no Poiló Pauss (prece por chuva) era sentirmo-nos abençoados pela chuva das monções.

Caro amigo Avito, são onze horas do dia 24.01.2021. Deves estar a ser sepultado neste preciso momento. A tua mulher, a nossa querida Paulina, os teus filhos, Carlos e Pedro, os teus netos, Pedrinho, André, Diogo e Leonor, as tuas noras, Patrícia e Rita, sentirão sempre o teu amor. Mas tu não partes, vais continuar a pairar entre nós e a chama irradiada pela tua voz há-de iluminar-nos para sempre.

Valentino Viegas



NARCISO VAZ

Em 1995, nas eleições aos corpos sociais, fui candidato a Presidente da Direcção. Na altura precisava de alguém para liderar o Conselho Fiscal. Aconselharam-me o Narciso. Foi recomendado por pessoas amigas. Eram unanimes a considerar que tinha os predicados necessários para o cargo.

Esclarecidos os objectivos da candidatura, aceitou de imediato. Nasceu aí uma amizade que se foi cimentando paulatinamente.

Pouco tempo depois, convenci-o a conhecer Goa. Era a primeira visita à terra dos seus antepassados. Fui esperar e receber, a ele e à sua família, ao aeroporto de Dabolim.

Foram cerca de 3 semanas a conhecer os recantos, as gentes e os costumes. Anos mais tarde faria uma segunda viagem. De regresso, com uma paragem no Nepal, para presenciar o nascer de Sol, no primeiro dia do milénio, atrás do Evereste nos Himalaias!

Com um grupo de famílias, as viagens de lazer, pela Europa e por esse Portugal fora, passaram a fazer parte da calendarização anual.

O seu humor, a sua gargalhada franca, o seu tracto aristocrático, faziam dele um verdadeiro gentleman! A sua companhia indispensável!

Um dia, no abraço de afectos, tratou-me por mujo bau (meu irmão)! Esse passou a ser o nosso modo de saudar!

Nas eleições de 2014, aceitei ser presidente da Mesa da Assembleia Geral. Precisava de 2 vogais. Mais uma vez recorri ao Narciso.

"Nunca iria recusar a alguém que me ensinou a amar Goa"! Foi a sua resposta pronta.

Há um ano, em Janeiro passado, estive em sua casa! Recordámos os 25 anos da nossa amizade. De vivências inesquecíveis!

Depois veio a pandemia. Os confinamentos. O contágio. O internamento. E, quando a evolução parecia ser favorável….

Até sempre, Mujo bau!

José Filipe Monteiro

RALPH CUNHA GOMES RODRIGUES

Se no assento etéreo onde subiste, memória desta vida se consente, então aceita um sentido e comovido abraço deste teu amigo.

Quem me diria, meu caro, que eu estaria hoje, a falar de ti, do imenso vazio e tristeza que deixaste com a tua súbita partida.

Um telefonema do seu irmão Álvaro informou-me que o Ralph estava muito mal, internado no hospital Curry Cabral ligado ao ventilador e em coma induzido.

Abalado com a notícia pedi a Cândida (minha mulher) que contactasse o nosso sobrinho Agostinho, médico intensivista naquele hospital para nos dar notícias mais concretas sobre o seu estado e soubemos que os parâmetros estavam ligeiramente melhores mas a situação era muito reservada.

Quando as notícias pareciam animadoras sobreveio um infecção (infecção hospitalar, creio eu) e tudo se precipitou.

Um ou dois dias depois, logo de manhã cedo o Álvaro deu-nos a dolorosa notícia que o Ralph já não estava entre nós.

Como verter em palavras o sentimento pungente do vazio que me assaltou! Com as lágrimas a rolarem-me na face permaneci longamente em silêncio, recriando as nossas vivências.

Nascido e criado na então Lourenço Marques, há quase setenta anos, completou os seus estudos primários e secundários naquela cidade. Desde cedo espalhou a alegria e simplicidade do seu carácter, angariando amigos por onde passava, sem esconder, no entanto a sua rebeldia contra o racismo larvar presente naquela sociedade colonial.

Conviveu fraternalmente com a comunidae indígena local dominando na perfeição o dialecto changane, e nunca esqueceu as suas origens goesas, conseguindo exprimir-se, também em koncani, chegando, inclusivé, a cantarolar alguns manddés.

Já em Portugal trabalhou árduamente em vários sectores e posteriormente frequentou e concluiu o curso de Direito na faculdade, nossa "alma mater."Aprovado no respectivo concurso, integrou-se se no Conselho Superior da Magistratura, onde desempenhou as funções de técnico superior principal até se aposentar.

Neste período após frequentes e longos encontros que aprofundaram a nossa amizade, convidei-o a associar-se à Casa de Goa, onde mais tarde fez parte dos corpos sociais como vogal da direcção e posteriormente como secretário da mesa da Assembleia Geral. Em todos estes cargos dedicou-se com afinco, como era seu timbre, a todas as tarefas a eles inerentes sem poupar esfrorços e com prejuízo da sua vida profissional e pessoal, Serviu sempre a Casa de Goa e nunca se serviu dela.

Com a sua partida morreu também um pouco de mim. Foram dezenas de anos de grande amizade e cumplicidade, apesar dos seis anos de idade que nos separavam. Foi uma partilha de alegrias,de copos e discussões filosóficas com laivos metafísicos.

Unia-nos um profundo sentimento hedonista da vida, embora o entendêssemos por vias diferentes- Eu, agnóstico "impenitente" vivendo intensamente o prazer da vida não consigo visualizar outro horizonte, após a morte que não o vazio,ou quando muito uma pulsão cósmica que nos envolve.

O Ralph, porém procurava uma estranha síntese entre o prazer hedonista que saboreava até o limite e uma elevação nirvânica de perfeição espiritual.

Adeus amigo.

Vasco Monteiro

VÍCTOR SANTANA FERNANDES

Conheci o Vítor em 1956 quando entrei para a Acção Católica que tinha a sua sede numa das alas do primeiro andar do prédio da Administração das Comunidades de Ilhas. Ele era o Presidente.

A primeira impressão foi muito boa e a partir daí iniciou-se uma amizade, interrompida em 1958 com a sua ida a Portugal para prosseguir os estudos universitários.

Já em Portugal e, de regresso do serviço militar em Angola, encontramo-nos, por mero acaso, na portaria do INE - Instituto Nacional de Estatística. Deu-me indicações muito preciosas para um concurso nesta instituição.

Já a trabalhar no INE, os nossos encontros eram assíduos.

Foi com grande mágoa que tive conhecimento do seu falecimento, vítima de Covid 19.

Num ápice, vieram ao de cima recordações de muitos convívios…uma ida a Trás-os-Montes, com pernoita em Aveiro, para fazer a rodagem de um carro acabado de estrear! Curvas e contracurvas do Marão. Sim, nesse tempo não havia autoestradas e onde, me revezei com o Vítor, na condução.

Vítor Fernandes era natural de Santo Estevão (concelho de Ilhas de Goa). Completou os estudos secundários no Liceu Nacional Afonso de Albuquerque em Panjim. Seguiu para Portugal em 1958 para prosseguir os estudos universitários, tendo-se matriculado e frequentado a Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Trabalhou no Instituto Nacional de Estatística em Lisboa, tendo feito uma comissão na província de Macau.

Foi membro fundador da Casa de Goa em Portugal, tendo feito parte dos seus corpos sociais.

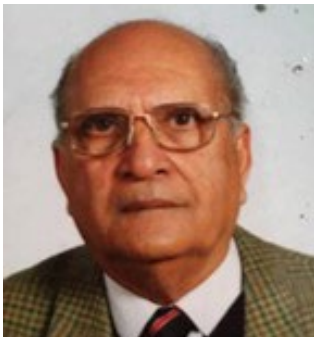
Já aposentado, dedicou-se a múltiplas actividades sociais e culturais, tendo sido director de Relações Públicas da Revista "Ecos de Oriente".

Vítor colaborou e apoiou todas as iniciativas da comunidade goesa.

Um amigo sempre disponível a ajudar quem o procurasse; guardarei para sempre a amizade que nos uniu; curvo-me perante a sua memória.

Até sempre Vítor.

Francisco da Purificação Monteiro



IVO DE SOUSA TICLÓ

Ivo Brás Lobo de Sousa Ticló, nasceu a 17.04.1929 em Carrem, Freguesia de Socorro, Bardez, Goa. Concluiu o antigo 7º ano liceal no Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, em Pangim. Em 1951, com um grupo de jovens goeses embarcou para Angola, onde ingressou nos quadros da administração pública ultramarina tendo completado toda a carreira no quadro administrativo, desde a região do Zaire, no norte de Angola, percorrendo várias regiões do território, tendo deixado a maior saudade no Bié, onde teve maior permanência.

Em 1975, mudou-se com a família para Cascais, no âmbito do processo de descolonização das antigas províncias ultramarinas. Em Lisboa, trabalhou entre outros, na empresa SIVA, importadora das viaturas Volkswagen e Audi, em Portugal.

Desde sempre teve uma elevada capacidade de cultivar, incentivar e enriquecer as suas amizades, novas e as de sempre, nomeadamente com o grupo de conterrâneos que com ele deixaram Goa nos anos 50. Homem com um coração de ouro, puro, correto, justo, muito emotivo e amigo do seu amigo. Amante de bricolage fina e jogos de cartas de mesa, nomeadamente o Poker, ponto de encontro com amigos de sempre, até ao fim dos seus dias. Apaixonado pela música, desde sempre tocou guitarra, reproduzindo de ouvido qualquer canção, tendo quando muito jovem e recém-chegado a África, participado em animadas serenadas em Nova-Lisboa (Huambo).

Rui de Sousa Ticló (filho)

ÂNGELO FRANCISCO FACHO

Ângelo Francisco Benjamim de Siqueira Facho, nasceu em 2.10.1927 em Bardês, Goa. Era filho de Crisanto Manuel Robertino Facho e de Olívia da Rita Siqueira.

Concluiu o 7º ano do liceu e, procurando novos horizontes rumou a Moçambique, concorrendo à função pública. Exerceu, entre outras funções e categorias, as de Chefe de Posto, Assistente de Administração e Administrador de Posto até à sua vinda para Portugal. Nesses entretantos, foi a Goa para casar, em Salvador do Mundo, com Maria Zélia Mónica Fernandes. Deste enlace resultaram os nascimentos de 5 filhos que lhe deram 8 netos.

Na chegada a Portugal, e na qualidade de funcionário público, foi-lhe dado como destino o Ministério da Agricultura, tendo-lhe sido atribuída a equiparação a Chefe de Secção.

Durante toda a sua vida foi um estudioso da História Mundial, e visitou sítios que englobassem história antiga, moderna, artesanal e gastronómica.

Tinha duas características únicas: era bom falante, com um discurso fluído sobre todos os temas antigos e modernos, e com uma pedalada que muito poucos o conseguiam acompanhar sempre no frenesim de chegar mais além. No que é hoje designado bricolage, era um portento. A sua casa era um depósito de todas as ferramentas e materiais para fabrico e arranjo de mobiliário. Por fim, a gastronomia, com a feitura das chamuças, o camarão frito e seu molho e as bifanas. Tudo isto com o seu grau de picante.

Crisanto Facho (filho)

Monções

Monsoon

Valentino Viegas

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa

Nos meus doces anos de juventude, quando andava despreocupadamente a deambular pela cidade de Pangim, ao chegar defronte da Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, sinto uma levíssima pancada em cima do couro cabeludo. Levanto a cabeça para ver se era um presente indesejado, deixado cair pelo pardal ou outro pássaro descuidado, que por lá esvoaçava sozinho e em bandos, sem se importar de fazer as suas necessidades em cima dos transeuntes. Pela impressão causada e pela suavidade do embate, de gralha não seria de certeza, porque sentiria logo a diferença, pois essa faz estragos de monta e eu não era o único que havia sido obsequiado com o seu mimo.

Enquanto a minha mente tentava analisar os efeitos da sensação experimentada e pretendia descobrir a sua origem, acto contínuo, olhei em direcção ao firmamento e, de forma instintiva, a mão direita avançou em direcção aos cabelos. O perscrutador dedo indicador, mal chega ao local da cabeça aonde acontecera o toque, sente os cabelos molhados. A gota de água, caída das alturas, era muito maior do que uma lágrima furtiva, pois espalhara-se pele farta cabeleira, embora sem chegar à sua raiz, e salpicara um considerável espaço circundante.

Estávamos no primeiro dia do mês de Junho.

Após esse incidente, aparentemente insignificante, acabo por dar mais dois passos quando outra gota, bastante mais gordinha do que a anterior, atinge-me em cheio do lado esquerdo da cara. Parte do líquido escorre rapidamente pela face até chegar ao queixo obrigando-me, desta vez, a olhar mais para o alto, em direcção ao firmamento, muito para além da cruz colocada no topo igreja matriz, situada na parte mais elevada do outeiro.

Verifico que nuvens compactas pintadas de cores acinzentadas, rodopiando por entre outras menos aparatosas, de tonalidade ligeiramente mais claras, haviam encoberto a presença dos raios solares e preenchiam o espaço visual envolvente, ameaçando investir a poderosa carga transportada nas entranhas sobre as pessoas descuidadas que, por negligência, se haviam aventurado a sair de casa sem se prevenirem com o indispensável chapéu-de-chuva.

Em Goa, quem estivesse em pleno gozo das suas faculdades mentais, não podia dar-se ao luxo de se esquecer da data do início das monções e de lhe dar a merecida importância.

Nos longínquos anos da década quarenta para cinquenta, do século passado, o relógio da mãe natureza batia quase sempre com acerto e, nas vésperas ou no início da primeira semana do mês de Junho, aquela terra era brindada com a chegada

da nova época meteorológica, portadora de grandes transformações atmosféricas. O homem e a natureza viviam em salutar harmonia, conjugando esforços e respeitando-se mutuamente. Nos comportamentos mútuos, evitavam cometer excessos e agressões desnecessárias, facilitavam a vida dos animais e das plantas, permitindo que os fenómenos naturais e as acções humanas fossem previsíveis, com considerável antecedência, pois, no dia-a-dia, repetia-se a prática prosseguida ao longo dos anos de forma sossegada, sem grandes correrias nem profundas alterações. O casamento entre o homem e a natureza se não podia ser apresentado como um modelo de virtudes, pelo menos estava longe de se direccionar para desavenças angustiantes e insanáveis, anunciadoras do divórcio litigioso.

Naquelas circunstâncias específicas, estando eu, sufocado pelo calor e humidade, a andar vagarosamente, junto da emblemática igreja, após ter sentido no rosto o refrescante líquido da gota de água mais gordinha e olhado para o alto dos céus, reparei que também no chão, junto dos meus pés, outras gotas iam fazendo a sua aparição, sendo umas rapidamente engolidas pela poeira acumulada e outras, mais afortunadas, conseguiam resistir e afirmar-se, apresentando-se distribuídas em forma de uma imensa rede de pesca, espalhada pelo chão, com espaçamentos assimétricos e díspares.

Passados escassos momentos, uma variedade de novas gotas, agora muitas delas bem mais rechonchudas, começam a cair do firmamento para o pavimento, transportadas pela força da gravidade, umas após outras, obrigando-me a correr com grande rapidez e a procurar abrigo junto de uma barbearia, que se encontrava de portas abertas, localizada nas proximidades do espaçoso largo, situado na base dos numerosos degraus da igreja matriz.

Decorridos vários minutos, ao verificar que a chuva abrandara, o dono da barbearia, homem de idade avançada, fez uma pausa no corte de cabelos do seu cliente, aproximou-se da porta, vistoriou de forma demorada os céus, rodando devagar a cabeça em todas as direcções, olhou para mim e, prevendo a evolução da intensidade da chuva e sua sequência cronológica, sentenciou:

- Olha menino, é melhor aproveitares esta pequena aberta e correr para casa, porque vêm aí fortes aguaceiros que não devem parar tão cedo.

Era assim o início da época das monções em Goa. Tudo começava com uma inofensiva gota de água, caída do alto das nuvens prenhas daquele precioso líquido, seguida de outra e mais outra, para rapidamente se multiplicarem às centenas, aos milhares, aos milhões e percorrerem todos os cantos e recantos daquela terra sedenta da abençoada dádiva.

De regresso a casa, agora em passo de corrida e com a chuva em crescendo, com a visão periférica, ia observando as mudanças, entretanto, operadas.

A poeira que cobria os caminhos que davam para a minha residência tinha sido substituída por minúsculas poças de água que chapinhava debaixo dos meus pés, quando batia com mais intensidade, conforme o ritmo dos andamentos da desenfreada correria. A água que ia sendo acumulada nos telhados deslizava pela sua inclinação e caía em abundância para o solo, como se alguém, descuidado, se tivesse esquecido de fechar a torneira. As belas notas musicais produzidas pela chuva, conforme a consistência da superfície dos locais onde caía, conjugadas com o delicioso som transmitido pelas árvores e outros objectos dispersos, pareciam estar a executar melodias alegres, festejando a boa-nova acabada de chegar, pois a água que escorria pelos troncos das plantas e a que caía pelas suas folhas, em cadências desiguais, funcionava como uma autêntica orquestra profissional, a actuar em harmonia, sem ter necessidade da orientação de qualquer maestro. Valas comunitárias, limpas de detritos e preparadas com antecedência para receber e escoar os fluxos intermitentes da chuva até aos rios, cumpriam a sua missão, embora, aqui e ali, galgassem as margens e chegassem a transbordar.

Podia continuar a mencionar as numerosas alterações visualizadas, mas prefiro indicar a razão principal que me levava a querer chegar o mais rapidamente possível a casa.

Antes que a chuva amainasse, pretendia pegar na canoa, feita de papel de jornal, deixá-la deslizar pelo turbulento caudal de água da valeta, existente defronte da minha residência, e medir a distância percorrida até se afundar. Cantaria vitória, com gritos de triunfo,

se batesse o recorde dos anos anteriores.

Durante todo aquele dia e seguintes a água caiu intermitentemente, umas vezes em grossas bátegas persistentes, outras em cadências mais suaves, enchendo os poços, engrossando os caudais e criando linhas de água, riachos e lagoas em todo o território.

Quando a temporada da temível trovoada chegava, na sua inocência, as crianças tinham menos medo dos raios, que encadeavam o firmamento escuro e pavoroso, do que dos aterradores estrondos que ecoavam de seguida, produzindo estampidos horripilantes e ensurdecedores. Mães receosas e suplicantes, após trancarem as portas e janelas, obrigavam os filhos a rezar o terço, pedindo a Deus e aos santos protectores a salvação, se não fosse da vida, pelo menos da alma.

Às vezes, os caudais dos últimos degraus da escadaria do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque transformavam-se em autêntica catarata, parecendo estar a concorrer com a de Arvalém e, sobretudo, com a majestosa cascata de Dudhsagar, uma das marcas distintivas da identidade goesa.

Se, como os demais jovens, do alto daquele Liceu gostava de desfrutar a extraordinária e inolvidável beleza da paisagem oferecida pelos palmares, pelas numerosas várzeas e por outras árvores de cor esverdeada, que desfilavam no nosso horizonte visual até se perder de vista, e de saudar com júbilo o esplendor do nascimento e renascimento da vida, eu deliciava-me também ao admirar a perícia como os ajudantes dos mestres dos ferrys lançavam o laço da corda de modo a encaixar no cabeço existente na zona de atracagem, estando o rio Mandovi em fúria e com fortes correntes a dificultar as manobras de aproximação ao cais. Debaixo de chuva, ainda gosto de reviver o passado, recomeçar a vida a partir daqueles momentos inesquecíveis, guiar o futuro como se não tivesse passado por ele e pudesse reiniciar a existência.

Contaram-me que, na presente monção de 2020, a água não escorria livremente, pois numerosos esgotos encontravam-se entupidos por acumulação de detritos e plásticos; buracos encobertos escondiam perigos latentes originando demasiados acidentes de viação; a queda de ramos e de árvores provocava constantes falhas de luz eléctrica; a zona do mercado de Pangim ficara alagada e as águas estagnadas ajudavam a proliferação de mosquitos.

Do passado distante ao presente, apesar das inúmeras mudanças ocorridas, a água das monções continua a ser a fonte e a seiva de vida, tanto em Goa como em diversas partes do mundo, infelizmente, apenas valorizada na sua ausência.

Compete ao ser humano tirar o melhor partido da natureza, com humildade e respeito.

Of school picnics and factory visits

Os piqueniques escolares e as visitas às fábricas

Ralph de Sousa

Vice Presidente of the Goa Chamber of Commerce & Industry, Goa (Notas biográficas no fim)

Vice-President da Câmara de Comércio e Indústria de Goa, Goa (Biographical notes at the end)

Abstract
A synopsis of the growth of industries in the State of Goa from a humble beginning with the Fábrica Fosforeira de Pondá, in the 1950s. Goa witnessed the rise of industries through their industrial estates created by the state government which was followed by large scale industries like the Zuari Agro chemicals, MRF and Ciba. Recently this progress has faced challenges which the present government policies and interventions need to address so that the industries can prosper.

Resumo
Uma sinopse da evolução das indústrias no Estado de Goa a partir de um início humilde com a Fábrica Fosforeira de Pondá, na década de 1950. Goa testemunhou o advento de indústrias por meio de seus parques industriais, criados pelo governo estadual, que foram seguidos por indústrias de grande escala como a Zuari Agro Chemical, MRF e Ciba. Recentemente, esse progresso tem enfrentado desafios que as atuais políticas e intervenções governamentais precisam enfrentar para que as indústrias possam prosperar.

My childhood days were spent in Sanquelim. This was in the 50s when the new conquest was still virgin and pristine with farms and forests covering the landscape. I did my primary schooling in Escola Primaria Official de Sanquelim where I spent the best years of my childhood with scores of local friends. The highlight of the scholastic year was the annual school picnic which we all eagerly looked forward to. The procedure was standard but none the less the excitement continued year on year. Inspite of spending a sleepless night, we were filled with great expectations, ready to catch the hired bus or Caminhão and get going on our annual expedition. The first stop was the Arvalem waterfalls followed by visits to the best known factory of the time-the matchbox factory "*Coração*" at Ponda. We were taken to see the operations in the tiny Shed that it was housed in. The greatest 'technological breakthrough'

Figura 1. Matchbox factory at Pondá | *Fábrica Fosforeira de Pondá*

of those times was watched by us in amazement as young girls filled the matchboxes with matchsticks at a speed and efficiency not seen before! Probably this was the pride of the Goan manufacturing sector in those days. The next known factory to us was a tyre remoulding shed followed by food processing units initiated by the Costa' and Monte families in Margao.

On one of such expeditions we visited the airport at Dabolim, the railways in Vasco da Gama and the Marmugoa harbour, where the Chowgule's automatic iron ore loading station was the pride of its operations, at berth number 6. This summed up the logistic infrastructure of Goa of yore. The airport was run by the Portuguese, while the railways were run by the British. The harbour had some management inputs from the British as well.

Today Goa has come a long way since the "matchbox" era. The large, medium and small scale industries that sprouted in Goa led to the birth of industrial estates in almost all Talukas. The 70's, 80's & 90's saw a spurt in the number of companies making their presence in Goa, with Zuari, MRF & Ciba establishing their footholds. Goa also became a hub for the Pharma industry and still holds a pride position in this sector.

After the era of prosperity, which covered the millennium, a slow decline started a decade later. For various reasons, Goa started witnessing a fall in industrial production and closure of some of the existing factories. New projects like the Nylon 66, Metastrips, alongwith the existing ones like Christine Hordan and pelletization plants experienced the sunset. Of course Nylon 66 didn't even live to witness a single sunrise.

Today the industrial estates where the bunch of industries are housed are decaying at an unprecedented speed. Lack of proper policies and the lack of will to implement the same as well as poor infrastructure is not helping the cause of the sagging industries. The stringent and the high taxation faced by industries today is accelerating the process of industrial decay.

After the closure of the mining industry, the Marmagoa Harbour which was the buzz of the region came to a grinding halt. The mechanized berth no. 9 along with other infrastructure came to a standstill and the entire area now resembles a ghost town. On the brighter side, the new highway with its bridges over the Mandovi and the Zuari rivers will change the attitude of the drivers from a prayer on their lips to that of joy in their hearts!

The Goa State Investment Promotion Board is the new huge hope that is riding a wave of

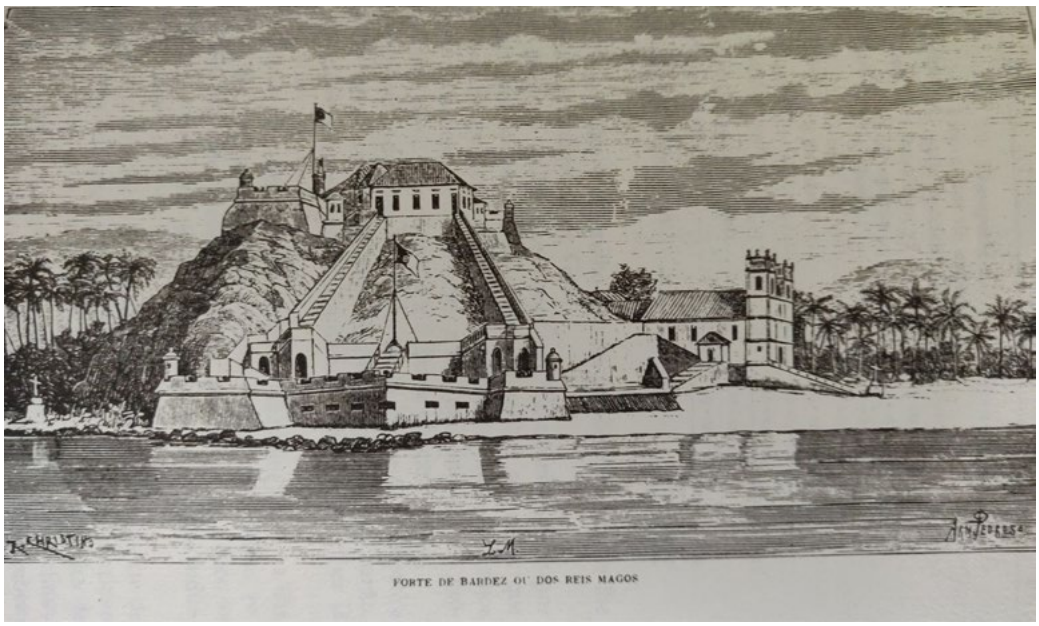
positivity even though the size and the energy of this wave has diminished to some extent. The image of the promised one window system is dangling in front of the prospective entrepreneurs and the string that holds this window is getting thinner by the month. A total revamp of its procedures leading to the implementation of the mission and vision of the IPB will be the required accelerator to boost the manufacturing sector in Goa. This is the need of the hour and we need to put our foot on the gas pedal of enthusiasm and make this happen.

If this does not work, our grandchildren will be deprived of the experiences of our wonderful childhood excitement witnessed at the matchbox factory in Ponda, the difference being that the match box factory downed its shutters in the 70's! May Goa not see this day!

Notas biográficas | Biographical Notes

Is the former President of Travel & Tourism Association of Goa, Former Chairman of Confederation of Indian Industry – Goa Council, Former Chairman and Patron of Goa Heritage Action Group, and is presently the Vice President of the Goa Chamber of Commerce & Industry, Member of Board of Governors, Government of India Ministry for Tourism's Institute of Hotel Management Board of Directors of Economic Development Corporation (EDC) of the State of Goa Board Member of the Goa Investment Promotion Board.

É ex-presidente da Travel & Tourism Association of Goa, ex-presidente da Confederation of Indian Industry - Goa Council, ex-presidente e patrono do Goa Heritage Action Group, e atualmente é o Vice-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Goa, membro da Conselho de Governadores, Governo da Índia Ministério do Turismo Instituto de Administração Hoteleira Conselho de Administração da Economic Development Corporation (EDC) do Estado de Goa Membro do Conselho do Conselho de Promoção de Investimentos de Goa.



Forte de Bardez (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Where have goa's musicians gone ?

Para onde foram os músicos de goa ?

Brian de Souza

Communications specialist, Mumbai

Especialista em comunicação, Mumbai

This article was first published in the *Hindu Business Line* (11 December 2020) and is used with the permission of the newspaper.

Abstract
When the pandemic struck, Goa's stand-alone musicians were left at a loose end. So they began to take their repertoire online world and collaborated to take their unique music to a global audience and to the corporate world. Digging out old Konkani-Portuguese scripts and collaborating like never before, their music is reaching the Goan diaspora who are absolutely thrilled.

Resumo
Quando chegou a pandemia, os músicos independentes sentiram-se perdidos. Então chegaram a colaborar, pela primeira vez, para pôr online a sua música distinta, ganhando assim um público global e empresarial. A diáspora goesa está absolutamente emocionada com a descoberta de antigas músicas concani-portuguesas.

Siddharth Cota had a cushy bank job but always missed something — and that was his music. Passionate about playing the guitar, he quit his job as a banker six years ago and, overcoming some family opposition, began performing in small restaurants in Goa. Soon, he was playing rock, jazz and dance music at some of the state's five-star hotels. And he had no regrets about following his heart.

Then, nine months ago, the country went into lockdown mode. Cota, 35, remembers he was playing at a South Goa hotel when the closure was announced. "We were gripped by fear," he recalls.

Cota was told there would be no more shows for the season, but never realised how bleak the situation was going to be.

Neither did Omar de Loiola Pereira, who has his own music troupe called the Entre Nós — or 'together' in Portuguese. An entire year's bookings of

Figure 1. Better together (from left to right: Selwyn, Nadia and Omar) Goa's independent musicians are a close-knit fraternity, largely inspired by Western tunes and church music (courtesy: Shugan Dias)

performances at private functions and wedding shows were wiped out, he tells BLink.

For Goan musicians, these are difficult times. This is the season when Goa hums. Christmas and New Year mark the start of festivity, celebrated widely with music. But today, most of Goa's musician-entrepreneurs find themselves at a loose end. Overnight, their regular source of earnings has evaporated. "Hotels cannot promise us new contracts with the scenario so uncertain," Cota says.

Goa's independent musicians are a close-knit fraternity, largely inspired by Western tunes and church music. A veritable part of Hindi films, the industry doffed its cap to the tiny music-loving state with the 1977 hit Amar Akbar Anthony, where Amitabh Bachchan played Anthony Gonsalves, named after the film's music director Pyarelal's Goan violin teacher who had integrated his Western classical influences with Hindustani melodies.

There was a time, long ago, when any orchestra in Western India largely consisted of instrumentalists from Goa. But today musicians number about 200-300, going by memberships on WhatsApp groups. Many have close family connections to the music world, while quite a few are self-taught. Western artistes are still their primary inspirations — Cota's muse, for instance, is the Brazilian jazz guitarist João Bosco. The older generation remembers the influences of big band leader James Last and the easy-listening genre of French orchestra conductor Paul Mauriat.

So how are Goa's musicians coping? While some have dipped into their savings, a few have started small side businesses such as delivering groceries and making spicy Goan masala to pay their bills. Those who gave music tuitions have found some solace but the future is uncertain. Selwyn Menezes, 52, who plays the violin and mandolin, says taking his tuitions online can be daunting because internet connectivity is erratic in the state.

Some have taken a break from music for now. A senior musician says he has found the much-needed time to do pending household chores. Cota took to jogging, and feels fitter now, having reduced his weight by several kilos.

Figura 2. Going back Siddharth Cota had a cushy bank job but always missed his music.

The musicians — instrumentalists and vocalists — are looking forward to the gradual opening of hotels. However, with Covid-19 cases in the state accounting for 1 per cent of its 1.3 million population, uncertainty still prevails. Rates for musicians have fallen — by an estimated one-third of pre-Covid-19 levels — as hotels aren't sure about how many footfalls they will get. A good show gives a musician between ₹5,000 and ₹10,000 but much depends on the size of the gig and who they are playing for.

Cota has resumed playing over the weekends but is aware that Christmas and New Year festivities will be muted affairs, thanks to Covid-19 restrictions. Tourists are coming in, but the winter influx will not be like that of other years.

Many musicians admit that till recently, they had no complaints. Up to earlier this year, Cota made a pretty sum playing an almost punishing 25 hours a week. "We are contracted to play for three hours, but audience requests eventually land us up playing well into the night," he says.

The going was so good that few had thought of expanding their online presence. "Earlier, YouTube was a repository of our samples, but now it's centre-stage," says Omar.

Online shows come with their problems, especially for bands: Musicians have to work on their music and lyrics separately. They are recorded individually, and the music is then spliced together with the help of audio software.

But efforts are on. Cota and Menezes have dug out old Konkani scripts, re-arranged them and recorded Goan-Portuguese music videos for Mumbai's Soul Fry restaurant and put the music on social media. The Goan diaspora were thrilled, says Menezes.

Some musicians are seeing this as a way to give a platform to Goa's own foot-tapping genre of music — influenced by Konkani as well as Latin strains.

Tourism has always given a boost to musicians, but also upped the demand for popular Hindi film hits. "The demand for Hindi pop is overwhelming and playing innovative compositions may not really gel with the audience," says a senior musician. As Cota puts it, playing at hotels is a sort of "instant music" and musicians get by with a "westernised Hindi style" of music.

For many musicians, the online world now beckons. Omar has floated a digital platform called Sounds from Goa. "Going online helps us break the barriers of geography and spread the vibe of Goan music which also includes Goan Hindu music," he says emphatically.

He hopes to upload videos every fortnight on his new platform which includes Facebook, Twitter and Instagram. Entre Nós, which also features singer Nadia, has already played online for corporate clients.

Menezes and Cota have now teamed up for an online project and have an original score ready. "We hope to get a literary personality to write the lyrics which will be a tribute to pristine Goa's natural environment," Menezes says. The environment is an issue that stirs Goans who have for long been resisting mining and other ecologically-hazardous projects.

"Covid will be with us for some time so it helps to play in smaller groups or do solos. I began teaching music at 16 and it is my first love, so I also hope to strengthen those efforts online," Menezes says. "Online is the way forward," Cota adds.

The beautiful trajectory of Indo-Portuguese poetry

O belo percurso da poesia indo-portuguesa

Jaime Rangel

Physician and writer, Goa

Médico e escritor, Goa

Abstract
There were Indo-Portuguese poets before the arrival of Tomás Ribeiro, who was a great propellant of literary art in Goa. Although the Portuguese language is not at its peak, it is hoped that that rich tradition of poetry will inspire new poets.

Resumo
Existiram poetas indo-portugueses antes da chegada de Tomás Ribeiro, que foi grande propulsionador da arte literária em Goa. Embora a língua portuguesa não esteja no auge, espera-se que aquela rica tradição da poesia venha a inspirar novos poetas.

They blazed a beautiful trajectory, like comets in the sky that streaked into the emptiness of the universe and burnt out, never to be seen again, yet forever to be heard. I speak, not of celestial bodies or heavenly sightings. I lament, not the disappearance of some debris in space. What I celebrate is the brilliance of the poets that Goa gave to the world in the nineteenth and the twentieth century, in what is now referred to as 'Indo-Portuguese Poetry'.

Though the origins of Indo-Portuguese Poetry are often linked to the arrival in Goa of Tomás Ribeiro in 1870-71, the proponents of this genre existed even before his arrival. Luso-descendants like Joaquim Mourão Garcez Palha, his nephew Guilherme Moniz Barreto, Manuel Joaquim da Costa Campos and Fernando Leal were not the only ones who were widely acclaimed but also the native sons of the soil like Cristóvam Aires, Pedro António de Souza and José Joaquim de Carvalho. In 1863, there even existed a periodical exclusively dedicated to poetry, the Harpa do Mandovi of the poet Ubaldo da Costa Campos.

However, it was the late nineteenth and the early twentieth century that saw the flowering of the glittering talent that graced the sacred soil of this beautiful land. The brilliance of Nascimento Mendonça, Paulino Dias, Floriano Barreto, Adeodato Barreto, Mariano Gracias, Manuel Salvador Sanches Fernandes, Laxmanrao Sardessai, Bakibab Borkar, Orlando da Costa, Alberto de Meneses Rodrigues

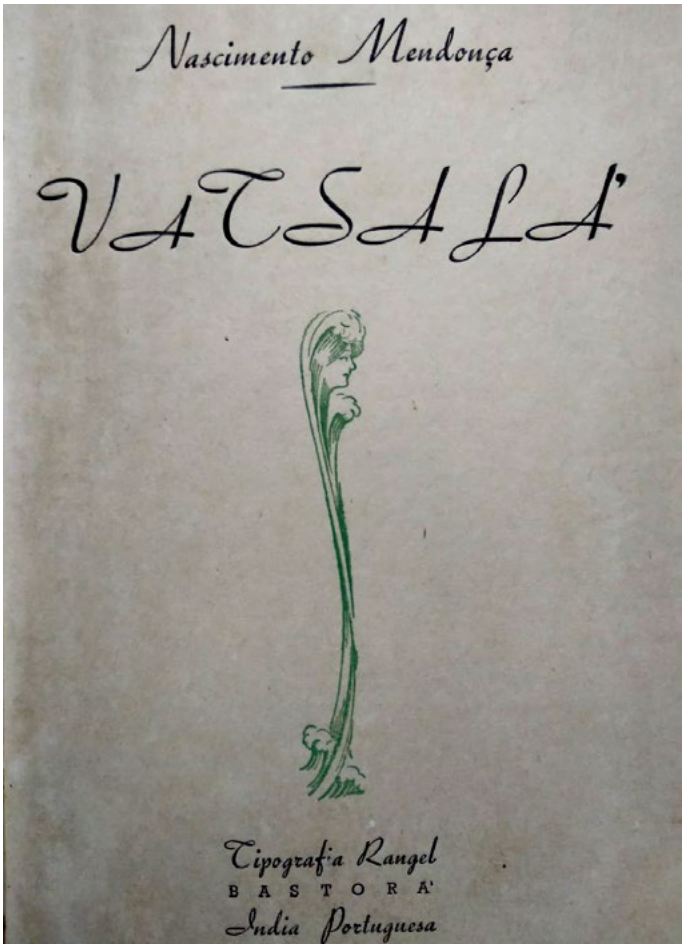


Figura 1. *Vatsala,* by Nascimento Mendonça

and Hipólito de Meneses Rodrigues left beautiful renditions of their poetic grace for posterity.

By a strange coincidence, four of the greatest poets that Goa has produced died young: Paulino Dias at 45, Nascimento Mendonça at 42, Adeodato Barreto at 32 and Floriano Barreto at 28. A poignant reminder to what might have been. Fr. Eufemiano Miranda, writing on Indo-Portuguese Poetry, states: "Their poetry revealed a self that kept spontaneously brimming even under the stress of a powerful emotion. It also involved an idealisation of Indian sentiments. That is why Indo-Portuguese creative literature, particularly poetry, is steeped in references to the history, religion and tradition of India, her legends and mythology and local lore."

Nascimento Mendonça (1884-1926) is regarded as the brightest star in this galaxy of poets. His swansong Vatsalá remains the epitome of Indo-Portuguese poetic creativity. It is the story of a youthful dancing girl who tries tempting a handsome rishi but is unsuccessful. She poisons him, but filled with remorse on seeing his lifeless body, lights a pyre for him and throws herself in it, thus uniting their love in death. To quote Manoharrai Sardessai, "Nascimento Mendonça shows himself the supreme master of the Portuguese poetic medium. Words, sounds, images and rhymes and rhythm go to create an atmosphere of sadness and weirdness beyond the power of prose to express. Poetry is that which is lost in translation." Further describing his collection Lótus de Sangue e de Ideal, he opines: "Writing in the mellifluous idiom of Camões, they express a markedly Indian sensibility. The colour of the lotus is Lusitanian but the perfume is wholly Indian." Mendonça's poems have also been published in other collections titled Orientais, Auto da Vida, A Morta and Hervas do Hind.

Paulino Dias (1874-1919), using the pseudonym 'Priti Das', wrote the epic poem 'Nirvana' from his collection País de Súria as also A Deusa de Bronze, A Lira da Ciência, Santa Cruz and Vasco da Gama. Floriano Barreto (1877-1905) wrote 'Bailadeira da Índia' and published Phalenas as a collection of poems. Adeodato Barreto (1905-1937) had his poems published as O Livro da Vida and among his many poems is 'Fala Ishwara'. Mariano Gracias (1871-1931) is known for his Terra de Rajahs which is a collection of poems that includes' Metempsicose', described by Fr. Miranda as "a poem possessed of mystical beauty". Manuel Sanches Fernandes' collections include Noite da Índia, A Ciência da Dor and A Lírica do Mártir. The brothers Alberto and Hipolito de Meneses Rodrigues published their collections of poems: Hipólito in Luz e Trevas, and Alberto in Arroios and A Água do Oásis. Orlando da Costa (1929-2006), in his A Estrada e a Voz, Os Olhos Sem Fronteiras and Sete Odes do Canto Comum enhanced the great collection of Indo-Portuguese poetry. Judit Beatriz de Souza in her Destino and Gesto Suspenso as well as Teresa da Piedade de Baptista Almeida, writing under the pseudonym 'Vimala Devi', have been wonderful exponents of this genre of poetry.

In the latter half of the twentieth century, this poetic brilliance was kept alive with the works of Augusto

do Rosário Rodrigues, Bailon de Sá, R. V. Pandit, José Rangel and Cyrano Valles. José Rangel published a selection of his poems in a collection titled Toada da Vida, this being a bilingual edition, the originals in Portuguese with English translations by Dr Frederick Williams.

With this genre withering away in today's Goa, one fears the extinction of this art. But one hopes that there may be – just may be – somewhere, a glimmer of hope that, with the depth of inspiration that so many of these wonderful poets have left us through their poetic outpourings, another generation of Indo-Portuguese poets will arise.

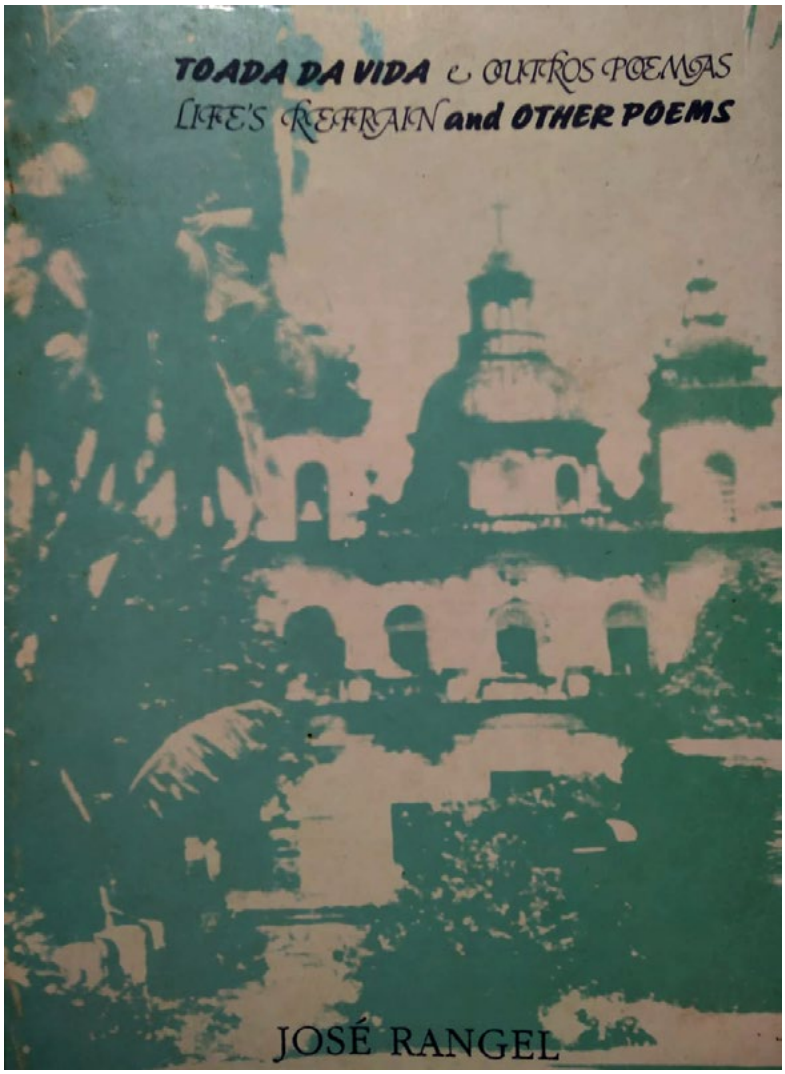


Figura 2. *Toada da Vida*, by José Rangel

Konkani and the migrant's identity

O concani e a identidade do emigrante

Ivo de Noronha

Researcher, free-lance writer and entrepreneur; London
Biographical notes at the end

Investigador, escritor freelancer e empresário, Londres
Notas biográficas no fim

Abstract
It is important that every Goan, wherever he/she may be, continue to cultivate the Konkani language, as it epitomises his thinking and feeling. A people without a language of their own is like a tree without roots, and is therefore fated to vanish.

Resumo
É importante que, ainda onde estiver, o Goês continue a cultivar a língua concani, pois ela resume o seu pensar e sentir. Um povo sem uma língua própria é como uma árvore sem raízes, estando por isso destinado a desaparecer.

When in a recent editorial my brother Oscar referred to Goa as a talisman, I realised that the place still holds charm because of the long-term effects of Portuguese influence on the identity of amchem Goem.

Soon after 1961, the jewel in India's crown located in the south western coast, witnessed an unprecedented influx of tourism. The white sands and the whispering waves on its 105 kilometres coastline, along with the baroque churches and historic temples, the flora and fauna, sannas and sarapatel (locally called 'sorpotel') and Shigmo and Carnival festivals turned Bharat's sunshine state into a virtual magnet to the global visitors' industry. Goa became a haven to the hippies and backpackers. Thereafter, the tourism sector, with its hedonistic character, viciously expanded to cater to the European chartered tourists as well as India's own domestic market. Putting that into perspective, in 2019 alone, Goa was a hotspot for 2.71 million domestic tourists and 447,152 foreign tourists.

Recognising the talismanic value of art and culture, Goa's tourism bodies enhanced its competitiveness. Goa unquestionably accomplished this feat by Goa positioning the discrete character of its tangible and intangible cultural assets to multi-varied audiences in the face of globalisation. Albeit this diverse and rich mosaic of culture engendered by 500 years of Portuguese rule is envisaged as a strongpoint, the fact is that Goa is currently witnessing a slow and sure death of its quintessential native language, Konkani. And that's a tragedy.

It is widely acknowledged that language is

an integral part of culture: a culture without its language would be impossible. As the Centre for Endangered Languages puts it, "a lost language is a lost culture, a lost culture is invaluable knowledge lost." Whilst language and culture are intertwined, language reflects culture and is an aspect intrinsically connected to an individual's identity besides forming an inherent and seminal aspect of a community's identity. Likewise, language is shaped by culture, in as much as it is deemed a symbolic representation of a people. Numerous studies have portrayed Goan Catholic community's derisive attitude endeavour to link the community to Portuguese culture. Even in terms of the native tongue, they have indicated that Goan Catholics are of the belief that authentic Goan identity is intrinsically Portuguese influenced rather than Konkanised.

There is no doubt the Portuguese rule and culture has left a lasting imprint on Goa and its people. However, the narrative of authentic Goan ethnic identity is fraught with tensions, particularly reflected by the diverging views of the Goan Hindu community. While a sizable section of this majority community admit Konkani is an integral part of the Goan identity and is their mother tongue, a significant part of the same community holds the neighbouring northern state's language as their mother-tongue. That has been a politically motivated discourse for decades; only recently have those Goan Hindus begun to consider Konkani as their mother-tongue.

According to Jean Phinney (California State University), ethnic identity is a dynamic, multidimensional construct that refers to one's identity, or sense of self, as a member of an ethnic group. But while the Portuguese language is considered as having played a pivotal role in the 'Goan Identity, the community find themselves in a soul-seeking position. A friend of mine wonders whether te Goans are a "jinxed community", as most of us are unable to claim any of the three languages (Konkani, Portuguese and English) as our own!

On my last visit to Goa, before the Trump-termed global invasion of the Chinese virus, while at a city café Tato, I happened to meet a Goan real estate developer who, struck by my fluency in Konkani, exclaimed, "You seem to speak Konkani better than we do in Goa…. We still speak Portuguese". I bemoaned his approach, reticently pointing out that it wouldn't be too long before our language dies.

This spectre perhaps resonates in Lane Wallace's words of caution in The Atlantic: 'What's Lost When A Language Dies'. The pilot and adventure writer cites Pamela Serota Cote (University of San Francisco), in relation to language loss and identity: "Because language discloses cultural and historical meaning, the loss of language is a loss of that link to the past. Without a link to the past, people in a culture lose a sense of place, purpose and path; one must know where one came from to know where one is going. The loss of language undermines a people's sense of identity and belonging, which uproots the entire community in the end."

In our globalised world, there is no doubt that the movement from one place to another affects peoples' mother tongue. Hence we need to make a conscious effort to speak, read and write in our language, and maintain our culture and traditions. I couldn't believe my ears when I once heard of a resident from Alto de Guimarães (a Panjim neighbourhood) who, within a year of migrating to Paris, had 'forgotten' not only his mother-tongue but also names of villages and local towns, a few miles away from his home! Should our emigration leave us feeling so distant from our motherland?

The loss of their mother tongue is the loss of a personal connection to ancestry and an impotence to pass your own heritage onto your next generation. As Marcus Garvey says, "A people without the knowledge of their past history, origin and culture is like a tree without roots." None can illustrate this fact better than Amadeo García García, the last person living who spoke Taushiro - a language from the Peruvian Amazon. In December 2017, The New York Times referred to García's herculean responsibility of passing his language down to his children and allowing it to live at least one more generation. Sadly, García was unable to do that, and now lives out his last days with the realization that when he dies, so will his language. Will the fate of our Goa and Goans culture be the same as Taushiro and García?

Notas biográficas | Biographical Notes

Ivo de Noronha, a Goan, is a London-based senior Block Management practitioner, researcher, free-lance writer and entrepreneur.

Ivo de Noronha, goês, é colaborador sénior do Block Management, investigador, escritor freelancer e empresário sediado em Londres.

Ourives Gentio (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Nillu

Sheela kolambkar-hachi lhan kotha - poilo bhag

Nillu

Um conto de sheela kolambkar - primeira parte

Sheela Kolambkar

Contista, Mumbai
(Notas biográficas no fim)

Short story writer, Mumbai
(Biographical notes at the end)

Devanagarintlem Romi lipiantor and Portugez bhaxantor korpi – Óscar de Noronha

Transliteração do concani em caracteres devanagáricos para romanos e tradução para português – por ***Óscar de Noronha***

Transliteration from Konkani in Devanagari scripto to Roman script and translation into Portuguese – by ***Óscar de Noronha***

Thodde lok zolmak ietnach almpeddearxe ietat. He lok astat jevnnak mar ani dhortorek bhar mhonnttat polle tosle…. Te kam'dhondo kãi korinat. Tori punn tanchem pott bhorta. Bekar asa mhunn khobor astana tachem logn zata. Tankam bhurgim zatat. Bhurgim xiktat, vhodd zatat. Oxem toren dixtt lagsarko tancho sonvsarui bin zata. Ek poiso zoddi nastanam. Koso to Devakuch khobor! Zonn eke chonchik Devan chorov ghotto dil'lo asta khoim! Toslo to chorov, kãi hat-pãi haloi nastana jea lokamchea thonddant apxinch poddta te lok kitle sukhi! Ani thoddo lok mormorsor kam' kortat, punn tea lokank dhod ek jevonn susegad bosun jevonk mellna. Kortele kitem? Kormacheo goti

Há criaturas que chegam ao mundo já como almas perdidas. Diz-se que prejudicam o manjar e oneram a terra…. Enchem o papo sem nunca trabalhar. Apesar de desempregadas, chegam a casar. Nascem-lhes filhos, que estudam, crescem, e a vida corre-lhes tão bem que poderiam até atrair mau olhado, mesmo sem terem ganho sequer um poiçá. Só Deus sabe como! Diz-se que a cada bico deu Ele o pasto. E são tão felizardos que, de tal pastagem, sem mesmo mexerem as mãos e os pés, entra-lhes na boca o alimento! E, por outro lado, há os que labutam até o fim, porém, sem chegarem a comer uma só refeição em paz. Paciência! É o destino que deixa a formiga engolir

ani muien gil'lo khoim hoti, tosleantli khobor!

Toslea almpeddear monxam bhitorlo ek monis mhollear Nillu. Horxim tagelem nanv Nilkant punn Gõykarache nanvanchi vidornam korche sonvoiek lagun to zalo Nillu. Ani Nillu-le avoi-bapui gorib axil'lean soglle taka Nilluch mhonnunk lagle. Zantte-nentte, soglleancho to Nillu axil'lo. Nillu zor ekadrea bhattkarager zolmak ail'lo zalear Nillubab zatlo axil'lo. Ghoddie to Portugez xikil'lo ani khõiui empregad bin axil'lo zalearui to Nillubab zavpacho. Punn to zalo almpeddear ani Nillu to Nilluch ul'lo.

Nillu chear choliamvelo cholo. Mhunn avoi-bapailo khub' apurbaiecho. Tagelea avoi-bapaili goribkaiechi poristiti asun legit tannim taka laddan vaddoilo. Soglleank ukddea tanddlachem xit ani ho apurbaiecho ekloch put mhunn haka barik tanddlachem xit. Avoi-bapain kel'li tachi sovõi il'li legit vochunk nam. Tachi bail taka barik tandllachem xit tache purtench korun vaddtali.

Nillu nanvapramann nilloch. Mhollear kallokitt. Ghos koso. Tangelem kens legit thondda mukhar matxe dhove distale, hache velean polloiat. Taddmadd koso lambuch lamb. Angan dhondio naslo tori barikui bin nhoi. Niktto valo nesoun ani hatant dhanddo diun, kor'kor'avazacheo vhanno ghalun taka khõicheai sanvari ponda ubo kel'lo zalear lok taka devcharuch mhonttale axil'le. Thond chovkonni. Chovkonni chereacher il'lixi khaddki. Sokoilo vhontt dantani chabun chabun sodanch thambddo gunj zaun astalo. Nillulo vhonttjitlo chodd thambddo, titleo tachekodden hun'hunit gozali asat mhunn somzuchem. Soglleant sobit axil'le tagele dolle. Chokchokit toxe dhoveful. Tantunt sodanch bhurgeancho koso gollgollit nirmoll hanso. Dantui tagele dhoveful. Mogre kolle koxe. Eke vollsorent gunthil'le. Atam zantto zal'lean tagele kens sap dhove zaleat. Ani fottochi negative koso to dista.

Hanvem Nilluk lhan astana pollel'lo toso to asa. Tantunt il'loi forok nam. Fokot kes pikleat. Kes tache matxe lamb-chipchipit tel laun to te porte volloita. Kasatto marun nexil'lem, nill ghalun nillsar dhovem

um elefante, como diz a lenda!

Uma das tais almas-perdidas era esse Nillu. Aliás, chamava-se Nilconta, porém, pelo hábito goês de estropiar os nomes, tornou-se "Nillu". E como provinha de família pobre, era conhecido simplesmente como Nillu, e assim o era tanto para os velhos como para os novos. Se porventura tivesse nascido numa família abastada, seria "Senhor Nillu". Seria o mesmo se conhecesse a língua portuguesa e fosse funcionário. Porém, como alma-perdida que era, ficou "Nillu" para sempre.

O Nillu nascera depois de quatro raparigas, sendo por isso muito querido dos seus pais. Os pais mimaram-no, apesar da indigência. Enquanto todos comiam arroz cozido, ao filho único e estimado serviam-lhe arroz fino. Nunca lhe passou esse hábito que os pais haviam incutido. A esposa servia-lhe o arroz fino conforme a sua vontade.

Condizente com o nome, o Nillu era preto como a fuligem, e, calculem, até os seus cabelos pareciam menos escuros do que a sua tez. Era alto como um coqueiro mas não corpulento nem magro. Se porventura ficasse de pé na sombra escura, envolto numa toalha, com um pau na mão e chinelas ruidosas nos pés, passaria por demónio. De cara quadrada e barbicha, o seu beiço inferior, de tanto morder, ficava sempre rubro até dizer basta. E dir-se-ia que quanto mais avermelhado o lábio, tanto mais animadas eram as histórias que tinha para contar. De tudo isso, o mais bonito eram os seus olhos, tão brilhantes quão claros. E a par, um riso sempre inocente e efusivo de criança. Também eram branquinhos os dentes, tais quais botões de mogarim, enfiados em grinalda. Ora velho, tinha o cabelo todo branco, assemelhando-se o homem ao negativo de uma fotografia.

Aparte as cãs, o Nillu está tal como eu o vira na minha infância, sem a mínima diferença. Penteia para trás o seu longo cabelo pegajoso de óleo. O seu puddvém de fímbria encarnada, esbranquiçado com uma lavagem a anil, veste-o em forma de kasattó, encimado por uma camisa e casaco, aquela enfiada no puddvém: era

kel'lem tambddea kanttachem puddvem. Tacher khomis. Hem khomis puddvea bhitor ani voir judi oso tagelo bhes. Tachekodden ek Raleigh saikol axil'li. Ho lamb, ti matxi mhotvi. To saikolicher bostalo tem pollovpasarkem. Saikoli poros paim lamb zal'lean te dhomprakodden katkonant dhoddun taka pedalam marchim poddtalim. Saikol choloitanam judi varo bhorun pankhatto koxi foddfoddtali. Ani pãiakodden puddveacho xev varem bhorun furfurtalo. To saikol choloitana rodamcho ani puddveachea forforpacho ek comik avaz ietalo.

Nillule dant dhoveful' axil'lean tache dost tachi moskori kortale. 'Makodchap dantmanjnan haka aple jahirati khatir apoun vhorunk zai axil'lo. Poilim hagele dant dantmanjan lavun kalle kalle dakhoile mhonntokoch pod'dobhor kainch dischem nam. Fokot monxachi ek akrtai distoli. Ani magir to dant dhuta tem dakhouchem mhonntokoch dhul'le dhoveful' chokchokit dant' – oxem te fokannanim mhonntale.

Nillu lhan astana konnetori bhavixia sangil'lem khõi. Ho cholo zomnir ken'nach cholcho na, sodanch vahanantlean bhonvtolo. Khõichea tori eka sinemant pollel'lem: osoch ek niktoch zolmol'lo bhurgo asta. Jyotixi bhavixia kortat, hagelo ixariacher vahana dhanvtolim mhunn! Avoi-bapui khub khuxi zatat, choleachi khub apurbai kortat. Rokddoch taka zantto zal'lo dakhoila. Ani to zal'lo asta ek traffic polis. Tagelea ixariacher gaddio dhanvtat. Tannem rav mhonttokich gaddio ravtat.

Nillu-lem bhavixia oxech toren khorem zal'lem. To vahanantlean bhonvtalo. Ektor to saikolicher astalo. Saikolicher na ten'na konnache tori gaddient astalo. Choddxa bhattkarank to zai axil'lo; ektor tankam ganvaveleo gozali Nillukoddlean somzotaleo. Na-zalear apleo khobri, aplim vhoddponnam dusreakodden pavovpak tankam Nillucho upeog zatalo ani magir he bhattkar aple vangdda aplea mezar taka vaddtale.

Punn ek, jevle uprant Nillu kennach konnager ravi naxil'lo. Bail vatt polletoli, jevle bogor tixttot ravtali oxem sangun to bhattkarale gaddient bosun bod'dod

esse o seu estilo. Proprietário de bicicleta da marca Raleigh, que a sua altura eclipsava, era por isso um espectáculo a forma como a conduzia. Pernalto que era, pedalava com os joelhos dobrados em ângulo recto. Quando estivesse ao volante, as abas do seu casaco enchiam-se de ar, vibrando como asas. E, aos pés, uma ponta do seu puddvém pulsava na brisa. Era caricato o ruído dos pneus e do puddvém a esvoaçar.

Os dentes branquinhos do Nillu eram alvo da troça dos amigos. 'Deviam solicitá-lo para o anúncio da firma Macaco. Os dentes enegrecidos com o dentifrício de carvão lançariam em trevas o écran! Só seria visível o perfil do homem. E depois de lavados os dentes, apareceria o homem com uma dentadura branca e brilhante como a neve.' Era assim gozado pelos amigos.

Diz-se que quando o Nillu era criança fora profetizado que nunca andaria a pé, mas de carro. Tinham visto uma cena igual em algum filme: um rapaz recém-nascido, a cujo bel-prazer, segundo um astrólogo, iriam circular os veículos. Os pais, muito satisfeitos, tratavam-no com um misto de carinho e respeito. E, como se viu, daí a pouco, na vida adulta, veio a ser polícia sinaleiro! E como não podia deixar de ser, a seu talante andavam e paravam os veículos!

Foi essa a sorte também do Nillu, a de andar de veículo. No mínimo, andava de bicicleta. E não estando a pedalar, ia de automóvel, de alguma pessoa. Na maioria das vezes era solicitado pelos batecares, pois por sua via ficavam a par dos assuntos da aldeia. Ou então, aproveitando-se dele para fazer alarde das suas proezas, convidavam-no a fazer-lhes companhia à mesa de almoço.

Note-se, porém, que, depois da refeição, o Nillu não se deixava demorar. Alegando que a mulher o esperava ansiosamente e não almoçaria sem que ele regressasse, metia-se no carro do patrão e, voltando rapidamente para casa, dormia a sono solto.

O Nillu, saíndo da manhã após o pequeno-almoço, ia directamente à loja do seu amigo Gopi. Eram

ghora ietalo, ani susegad tannun ditalo.

Nillu sokallim cha ghevn zo bhair sortalo, to Gopi-lea shopar vetalo.Gopi Nillu-lo dost. Dogui vangddach xiktale. Dogui vangddach xalla chukovn chinche bottam, boram, toram paddunk vetale. Dogui vangddach Saraswati pujnak boria-boria ghorantlea porsamnim vochun borim-borim fulam chorun haddtale. Ani dogui vangddach sigar oddunk xikil'le. Gopin magir aplea bapaili kens kap'pachi kola xikun ghetli. Ani bapailem shop to cholovpak laglo.

Nilluk bapain ghor soddun kãi dovorlem na. Nilluk oddi-oddchonnik Gopich upkara poddtalo. Mhunn sokallim cha piun Nillu bhair sortalo to bod'dod Gopilea shopar ietalo. Thõi taka akh'khea Ponnjent kal kitem kitem ghoddlem tachi khobor melltali. Kal konnager kitem zalem, khõichi choli konnaborabor firta, konnalea ghorant zogddim zalim, khõichea ghova-bhailank poddna, kal konn konnak ghevun khõichea sinemak ghel'lo, voinibaien novea modelachim kanknnam kelim, tantunt tika xettin kitlem fottoilem, bi soglleo gozali tantunt astaleo. Osleo thoddeoxeo legit gozali taka mell'lear puro. Magir tea gozalink mitt, mirsang, mosalo lavn teo ruchik koso korcheo hem Nilluk xikovpachi goroz naxil'li.

Ponnjechea bhattkaramlea ghoranim Nilluchi bhumika Sanskrut nattkantlea vidushkachi astali. Hea bhattkarank hansovpachem, tanche dosh tankam hansot sangpachem, khõiche-i bai-baiechem na zalear tai-baiechem kam moneani korpachem, Satianarainachi puja zali zalear chukonastanam soglleank prasad vanttpachem kam' Nillu bes borem kortalo. Prasadacho donno konnak chukonaxil'lo ani Nillun dilebogor ekaporos chodd donnem konnak mellonaxil'le. Samradhna asot zalear Nillu vaddunk fuddem. Kitem-i randil'lem unnem zait zalear tem xem-pon'nas lokank polloun vaddpachem kam' Nillu bes borem kortalo. To top bhorun gheun ietalo ani zonn ekleak vichartalo, "Tuka zai? Naka nhoi?" Oxem apunnuch mhonnun, zai naka hachi vatt pollenastanam fuddem vetalo.

antigos condiscípulos que haviam cabulado para ir à busca de tamarindo, jujuba e manguinhas. Na ocasião do pujá da deusa Saraswati, haviam roubado as melhores flores dos mais belos jardins domésticos. Juntos haviam aprendido também a fumar o cigarro. Mais tarde, o Gopi aprendeu com o pai a arte de cabeleireiro, e pôs-se a administrar a sua loja.

À parte a casa, o pai não lhe deixou mais nada. Quando tivesse alguma dificuldade, era, pois, o Gopi que o salvava. Por isso, após o pequeno-almoço, mal saído da casa postava-se na loja do Gopi, onde ficava ao corrente de tudo o que se passara na véspera em Pangim: dos lares, das andanças das raparigas, dos sarilhos domésticos, das desavenças dos casais, dos companheiros nas idas ao cinema, do modelo de manilhas das recém-casadas e das falcatruas do ourives, e por aí fora. Bastava-lhe umas poucas conversas desse género; isso de as condimentar com sal e pimenta e as tornar bem apetitosas… era com o Nillu, que não precisava de lições de ninguém.

O papel que o Nillu desempenhava nas peças teatrais sanscríticas realizadas nas casas dos batecares de Pangim era o de palhaço. Competia-lhe fazer rir tais proprietários, falando-lhes chistosamente das suas falhas, e de representar por mímica alguma mana ou tia; e, terminado o pujá do Satianaraina, de ir distribuindo o prasad: eram coisas que o Nillu fazia com destreza. Racionava o donnó do prasad para os convidados, nunca lhes deixando repetir a iguaria. Também na ocasião do Samradhna era o primeiro a servir os convidados. Se escasseasse a comida, o Nillu sabia como saciar ainda mais umas cinquenta ou cem pessoas: andava com a panela na mão a saber se quereriam repetir, porém, balbuciando ao mesmo tempo: "Se não, está bem!" E punha-se a andar sem mais nem menos.

Pelas 10 horas da manhã, o Nillu chegava-se ao mercado de peixe. Não só conhecia as peixeiras como também, depois de verificar os sítios onde estavam sentadas a vender, punha-se a trelar à beira-mar, seja com que fosse, até chegar aí algum batecar à procura de peixe.

Sokallim dha-ank sumar Nillu nusteachea bazarant pasoi marun ietalo. Konn nustekan kitem nustem ghevun khõi boslea hem to herun dovorun doriadeger konna-i vangdda zankddam marit ubo ravtalo. Title mhonnsor khõichoi tori bhattkar gaddi ghevun nustem vhorunk ietalo.

'Kitem Sada-baab! Aiz nustem vhorunk tum aila? Rav, rav! Tu denv' naka. Hanv astana tum kiteak husko korta? Tum hangach rav. Hanv tuje khatir nustem ghevun ieta.'

Oxem mhonnun Nillu nustem ghevun ietalo. Magir Nillun sangil'lem poixe bhattkar ditalo. Ani Nillu panch dha rupia unnem korun te nusteakanik ditalo. Ani uril'lea poixanchem apnna khatir nustem ghevun ghora vetalo.

Deddak sumar to ghora pavtalo. Bail babddi xit bi korun ho nustem ghevun ietlo mhunn vatt polletali. Nustem uzravun tachem humonn zatasor Nillu nhanvunk vetalo. Bhãichea udkacheo panch-sov kollxe angar votun ang puxit bhitor ietalo. Bailen mirio kaddun dovril'lem puddvem nestalo. Puddveacho ek xev khandar udovn tulloxik udok ghaltalo. Ani magir bailen vaddun dovril'lem barik thandllachem xit jevunk bostalo.

Nilluli bail sadi axil'li. Hanstea mukhachi, addve kens volloun supare iedo ambaddo ghaltali. Tigelea hea ambaddeacher ful na oxem kennach zalemna. Logn korun haddil'li ten'na tigelo ambaddo nal'la iedo zatalo. Ghovak Dev somzun ti Nillulo sonvsar kortali. Konnaleo gozddeo xivun ditali, lonnchim korun, papod korun viktali. Divalle, chovthik vojim dhaddunk avoiank adhar kori. Aianom, stradhdhank sovaixinn mhunn rav. He bhaxen koxtt korun, konna mukhar hat kori nastona, ghovalo sonvsar choloitali. Nillulea avoi-bapai fattlean barik thanddllachea xitache Nilluche laad bailenuch puroile. Goddie Nilluli bail ghovale chod laad kortali dekhun Nillu kosloch kamdhondo kori naslo zanv-ie.

Hanvem poilinch sanglam, Nillu bhattkaramlo viduxok axil'lo mhunn. Sadabab ho Ponnjecho ek

'Então, Senhor Sadá! Hoje por cá para comprar peixe! Espere aí! Não saia do carro. Fique aqui, que vou eu buscar o peixe.'

Dito e feito. O Nillu voltava com o peixe, recebendo do batecar o preço que alegasse. Pagava à peixeira umas cinco ou dez rupias a menos, aproveitando do troco para comprar peixe para si próprio.

O Nillu chegava a casa por volta da 1,30 h. A coitada da mulher, tendo já cozinhado o arroz, ficava a aguardar a chegada do peixe. Escamava-o para o caril, enquanto o Nillu tomava banho: eram umas cinco a seis bilhas de água do poço deitadas sobre o corpo. Ainda a enxugar-se, saía daí para vestir o puddvém já desamarrotado pela mulher; e, deitando uma ponta desse tecido sobre o ombro, ia regar a planta de tuloxi. Em seguida, sentava-se para almoçar o prato-feito de arroz fino que a mulher lhe servia.

Era simplória a mulher do Nillu. De cara sorridente, penteava o cabelo em transversal, fazendo um coque do tamanho de bétel, no qual costumava pregar uma flor. Quando recém-casada, esse coque era do tamanho dum coco. Adorava o marido como um deus, dando-lhe plena satisfação. Costurava colchas de retalhos para quem as quisesse, como também preparava achares e papari para vender. Por ocasião do Divali e do Ganexa ajudava as mães a enviar as vojim. Na ocasião de shraddha, era a suvaixinn no ritual de aianom. Com o suor do seu rosto, e evitando de pedir esmola, deixava o marido viver uma vida despreocupada. Tal como haviam feito os seus pais, também a mulher o saciava com o arroz fino. E talvez graças aos mimos da mulher, o Nillu nunca se sentiu constrangido a trabalhar.

Como disse, o Nillu era muito prezado pelos batecares, um deles o Senhor Sadá, de Pangim, que ia cem vezes ao mictório. Uma vez, disse-lhe o Nillu: "O Senhor Sadá tem uns hábitos caninos, ou quê?"

"Porque dizes isso?"

bhattkar. Hea bhattkarak xembor khepe mutunk vochpachi sovõi axil'li. Nillun ek khepe taka vicharlem: "Sada-bab, tuji voj kutriachi kai kitem?"

"Kiteak re"?"

"Na! Tum portu-portun mutunk veta mhunn vicharlem."

Sada-bablea choleak Apa Kamotichi choli khubuch manil'li. Punn Sada-bab ani Apa Kamat bhitorlean ekamekale dusman, ten'na soirik zullpak kotinn axil'lem. Sada-babalea cholean apli avodd aple avoik sangli. Avoik-vhonibaik choli posont axil'li. Tinnem kitem korchem? Tinnem Nilluk afvhonno dhaddlo. Taka soglli gozal sangli. Nillun tika sanglem, "Vhonibai, tum bhienv naka. Hanv kitem korpachem tem dist kortam." Nillu gelo thet Apa Kamotiger. Apa Kamat ani tageli bail bi astani Nillun mhollem, "Kitem, choliele laddu atam kenna ditlim tumi?"

"Are, hanvui tench mhunntam. Cholielem logn korunk zai. Nillu, tum boro-so bhurgo suchoi pollovia." – Apa Kamotili bail.

"Sadababalo cholo asa nhoi? Kai boro xikil'lla sovril'lo."

"Tu sarko asa mure? Sadabab baab kitem mhoje choliek sun korun ghetlo? Amche sombondh tuka khobor nat?" – Apa Kamat.

"Punn tu vochun Sada-babak vichar tori! Vicharunk kitem poixe poddtat vhoi?" – Nillu

"Hanvoi tench mhonntam. Choli borea ghorant poddtoli ani tumchi dusmankaiui somptoli."

Magir Apa Kamat khoinchenuch ek dis Nillu vangdda Sada-babager gelo. Tannem utor ghalem. Ani Apa Kamoti sarko monis matso nomtem ghevun aplea dharant aila hem polloun Sada-babanui khuxalbhorit zavun Apa Kamotinle choliek sun korun ghetli.

Lhanponnant amkam Nillu avoddtalo. Kiteak, to

"Digo isso porque vai constantemente mijar."

O filho do Senhor Sadá simpatizava muito com a filha de Apá Kamat. Como, porém, os pais, no fundo, eram inimigos, seria difícil arranjar o ajuste de casamento. O filho de Sadá confidenciou com a mãe, quem também gostava dela. Então, que fez ela? Mandou chamar o Nillu e contou-lhe toda a história. Este prontamente lhe assegurou: "Vhonibai, não se preocupe. Farei tudo que for necessário." E indo direitinho à casa de Apá Kamat, que estava aí com a sua mulher, disse-lhes o Nillu: "Então, quando é que vão oferecer laddus pelo compromisso da filha?"

"Ó, também eu digo o mesmo. Temos de casar a nossa filha. Nillu, veja lá se nos arranja um bom partido," disse a esposa de Apá Kamat.

"Então, não está aí o filho do Senhor Sadá? Ele é tão bem instruído!"

"Ó homem, você está bem da cabeça? Pensa que o Senhor Sadá vai querer a minha filha como sua nora? Não sabe das nossas relações?" – retorquiu Apá Kamat.

"Mas então, pode o senhor pelo menos saber do Senhor Sadá! Isso não custa dinheiro, pois não?" – disse o Nillu.

"Acho o mesmo. A rapariga há-de estar em boa companhia e ao mesmo tempo acabar a vossa inimizade."

Na verdade, um dia, o Apá Kamat arranjou forma de ir à casa do Senhor Sadá, em companhia do Nillu, que meteu uma cunha. E pelo mero facto de um cavalheiro do calibre de Apá Kamat ter vindo à sua porta, a pretexto de algo, o Senhor Sadá, contente, aceitou a filha dele como nora.

Na nossa infância gostávamos muito do Nillu, pois tinha dessas histórias. Nós, as crianças, ficávamos boquiabertas com a sua lábia. Eis a sua forma de contar:

tosleoch gozali sangtalo. Ami bhurgim thondd uktem korun tageleo khobri aikotalim. To sangi –

"Zanna mugo, lhan astana hanv Pednea ajieger gel'lom. Tenna light bin naxil'li. Ani Pednea vochunk akho dis lagtalo. Ghorant ponntteo na zalear petrolache kovde astale. Hanv ailam mhunn ajien vodde korpak ghetle. Oxi randon, randni samkar aji boslea. Randni kuxik hanv boslam. Aji vodde tollta. Randche kuddint ek il'lexem zonel. Randta astana chodd zal'lem udok bin aji hea zonelantlean bhair uddoitali … zalear… aji vodde tolltali. Itlean boddiebhaxen ek itlo hat tea zonelantlean bhitor sorlo. Fattofat avaz ailo. 'Mhaka ek voddo di ge!' Aji distuch vollkoli konnacho to! Tinnem kitem kelem, dovleant hunhunit tel ghetlem ani tem tea hatar ghalem, hat axil'lo bhutacho! Tem bobo huieli marit dhanvlem. Tacho avaz aikun bhõian mhoji sap'p gulli zali. Hanv Ram, Ram, Ram mhonnunk laglom. Ajien mhaka magir sanglem, 'Bhutank ken'nach bhievchem nhoi. Bhutank zoxim ami bhietat toxinch bhutam amkam bhietat. Tum tankam bhiexit zalear tim tuka chodd bextaitat.'

"Sabes, quando em criança fui à casa da minha avó em Perném, nem havia luz eléctrica… Naqueles tempos levava um dia inteiro a chegar… Costumava-se usar ou pontteô ou kovdé de petróleo. Para marcar a minha estadia, a Avó decidiu fritar voddé. Em frente ao lume estava ela sentada. E eu, ao lado do fogão. A Avó vai a fritar... Bom, a cozinha tinha uma pequena janela pela qual ela costumava deitar fora o excesso de água e outras coisas do género… Pois, estando a Avó a fritar, entrou pela janela uma mão tal qual um pau, ouvindo-se de repente uma voz: 'Ó velha, dá-me cá um voddó!' A Avó reconheceu bem tal voz… Sabes, ela deitou azeite fervente numa pá e lançou-o nessa mão, que era de um fantasma! Este fugiu a uivar. Quando ouvi isso, senti como se tivesse um bolo na garganta. 'Ó meu Deus, ó meu Deus!' gritei eu. Foi quando a Avó advertiu: 'Nunca tenhas medo de fantasmas. Tal como nós os tememos, também eles nos temem. Se tu tiveres medo deles, eles meter-te-ão ainda mais.'

Glossário

Aionom = o ritual na ocasião do aniversário de falecimento.

Batecares = proprietários de prédios rústicos.

Donnó = pequeno receptáculo feito de folhas da jaqueira ou da bananeira.

Kasattó = modo de vestir o *puddvém*.

Kovdé (Sing. *Kovdó*) = tocha ou lâmpada tosca.

Mogarim = *Jasminum Sambac.*, Ait. Flor da mogareira.

Papari = uma fina pasta circular feita de farinha de certos legumes e amassada com especiarias. É secada ao sol e serve de acompanhamento depois de frita com óleo de coco ou, simplesmente, assada.

Pontteô (*Sing. Pontti*) = tipo de lâmpada feita de barro ou metal.

Prasad = oráculo ou oblação.

Puddvém = longo pedaço de tecido com bordas compridas, em geral branco, usado na cintura de forma que uma das pontas fique presa entre as pernas e enfiada atrás e a outra ponta, dobrada e enfiada perto do umbigo.

Pujá = Cerimónia de culto a um deus ou a uma imagem sagrada, a qual se realiza no templo ou em lugar público ou privado.

Samradhna = festim público para comemorar algum evento importante e no qual se gasta galhardamente.

Saraswati = deusa de sabedoria.

Shraddha = aniversário de falecimento.

Suvaixinn = pessoa, em geral precisada, a quem um viuvo convida a representar a sua mulher no aniversário de falecimento desta, recebendo ajuda material.

Tuloxi = um arbusto medicinal (*Occimum Sanctum, Linn.*) que os hindus trazem plantado diante da porta principal das suas casas, ou seu pátio interior, e a quem prestam culto.

Vhonibai = maneira respeitosa de se dirigir a uma senhora, embora não formalmente.

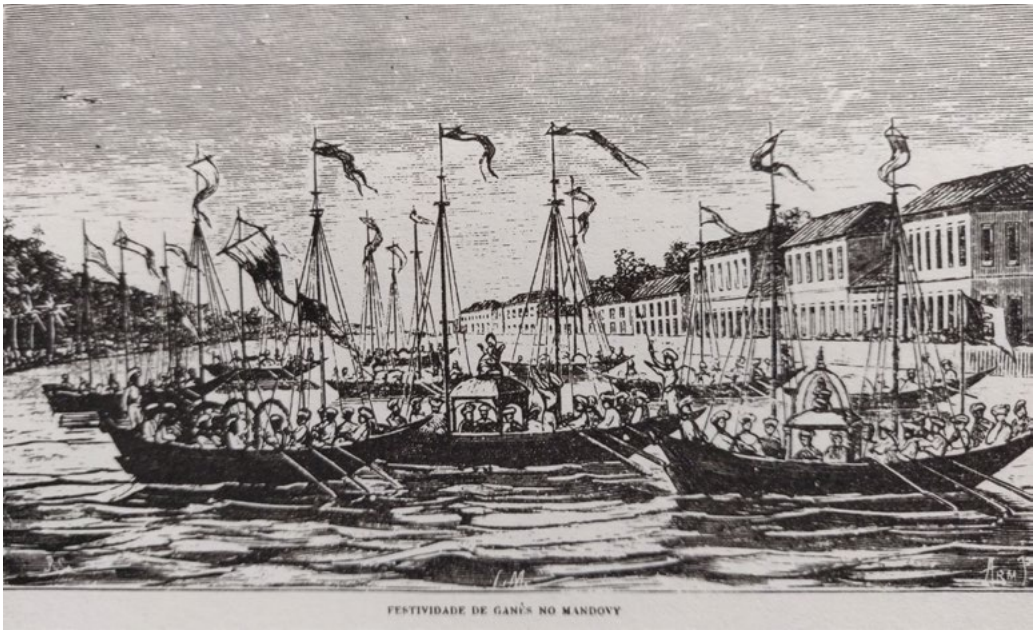
Voddé (Sing. *Voddó*) = finas e pequenas pastas circulares, feitas da polpa de fruta (*kuamló*, cucurbita pepo), as quais se deixam a secar ao sol, para fins de conservação.

Vojim (Sing. *Vojém*) = presentes em forma de doces (*neureô, laddu, kapam*) e fruta, enviados para as filhas recém-casadas, por ocasião das festividades de Ganexa e de Divali; uma espécie de cesta usada para tal envio.

Notas biográficas | Biographical Notes

Sheela Kolambkar (1945-), Bacharel em Letras pela Universidade de Bombaim, é contista premiada e traduzida para várias línguas indianas, além de inglês e português. Foi professora do ensino primário, em Goa, e membro do conselho consultivo (concani) da Sahitya Akademi (Academia Nacional de Letras). Publicou duas colectâneas de contos: Oli Saanj (1973) e Bhuim Chanfim (1997). Reside em Bombaim.

Sheela Kolambkar (1945-) holds a BA in Literature from the University of Bombay and is an award-winning short story writer translated into several Indian languages, besides English and Portuguese. She was a primary school teacher in Goa and a member of Sahitya Akademi's Advisory Board for Konkani. She has published two collections of short stories: Oli Saanj (1973) and Bhuim Chanfim (1997). She lives in Bombay.



Festividade de Ganês (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

PANDURONGA PISSURLENCAR:

O pioneiro do património arquivístico de Goa

PANDURONGA PISSURLENCAR:

The pioneer of goa's archival heritage

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa, Portugal

Founder Member of Casa de Goa, Portugal

Resumo

Professor primário e encartado para exercício da advocacia, foi, no entanto, o grande pioneiro do património arquivista de Goa. Para além de ser responsável pela instalação e organização dos arquivos, publicou uma vasta obra sobre temas históricos, em monografias, artigos nos jornais e livros. O seu trabalho foi reconhecido e galardoado por entidades oficiais e académicas de Portugal e Índia.

Abstract

Although a primary teacher and chartered to practice law, he was the great pioneer of the archivist heritage of Goa. In addition to being responsible for the installation and organization of the archives, he published a vast work on historical themes, in monographs, articles in newspapers and books. His work was recognized and awarded by official and academic entities from Portugal and India.

Dados biográficos

Panduronga Sakharama Shenvi Pissurlencar nasceu a 30 de Maio de 1894 em Pissurlém, concelho de Satari. Os seus pais, Sakharama e Krishnabai eram modestos arrendatários de uma pequena propriedade rural.

Poucos anos depois do seu nascimento, a família mudou-se para Sanquelim, no concelho de Bicholim. Nesta vila, completou os seus estudos primários em marata. Em 1913 completou a sua instrução secundária no Liceu Nacional em Panjim. Concluídos os estudos secundários, optou por magistério primário. Matriculou-se na Escola Normal onde formou-se em 1916.

Figura 1. Panduronga Pissurlencar (1894 - 1969)

Após tirocínio no escritório de um advogado prestou provas, com bom aproveitamento, para exercício da advocacia.

Contrariando o desejo do seu pai − queria que ele seguisse a carreira de advogado por ser mais aliciante e lucrativa − Pissurlencar optou por ser professor numa escola primária em Bicholim.

Ensinou por mais de uma década em várias escolas de Valpoi, Sanquelim, Velha Goa e Nerul.

Em 1933 quando ainda tinha somente 19 anos casou com Ramabai.

A paixão pelos arquivos históricos

Pissurlencar falava e escrevia fluentemente português, concani, sânscrito e marata e tinha adquirido bons conhecimentos de francês e inglês enquanto aluno do liceu. A fluência nestas línguas foi catalisadora no seu apego de se tornar investigador e historiador. Parte significativa da sua obra foi escrita em português e marata.

Em 1919 foi autorizado a consultar os arquivos do Palácio de Hidalcão. Durante onze anos fez numerosas pesquisas que lhe permitiram publicar vários documentos, ganhando fama de investigador. Como corolário do seu trabalho, foi nomeado em 1931 chefe dos Arquivos Gerais e Históricos da Índia Portuguesa localizados em Panjim.

Foi necessário uma tarefa hercúlea e um grande espirito de organização para pôr os arqui-vos a funcionar. Os documentos, aos milhares, muitos em mau estado de conservação, estavam amontoados, numa das divisões do palácio.

Pissurlencar, um apaixonado dos documentos históricos, com persistência e tenacidade, iniciou a sua recuperação. Pesquisou, ordenou, classificou e codificou-os.

Em 1935 toda a documentação foi transferida para um novo edifício situada no bairro das Fontainhas.

No seu trabalho foi aconselhado por Surendranath Sen, um especialista na organização de arquivos e que era "Honorary Assistant Adviser on Records" do Governo de Bengala que tinha visitado os Arquivos

Figura 2. Edíficio primitivo do Arquivo histórico (Cortesia: Oswaldo Velho)

de Goa em 1925 e que tinha ficado muito mal impressionado com estado deplorável em que se encontravam os documentos.

Opinião diferente tinha C. R. Boxer, quando, já em 1953, visitou os Arquivos de Goa e referiu que os documentos estavam muito bem guardados em compartimentos fechados com portas de vidro.

Como responsável pelos arquivos, Pissurlencar publicou dois guias para ajudar os investigadores nos seus trabalhos de pesquisa de documentos.

Publicações

Foi uma autoridade incontestada sobre a documentação portuguesa. Escreveu artigos e monografias nos jornais locais e foi autor dos seguintes livros:

1922 - "A Antiga Índia e o Mundo Externo"

1925 - "Aspectos da Civilização da Índia Antiga" a sua obra-prima, foi publicado em séries de volumes entre 1950 e 1960.

1951 - "Regimentos das Fortalezas da Índia" publicação extremamente valiosa como fonte para estudos da política financeira e comercial portuguesa na Índia, principalmente na última metade do século XVI, quando o poder português no Oriente estava no seu apogeu.

1952 - "Agentes da Diplomacia Portuguesa na Índia" onde divulga os serviços prestados pelos agentes diplomáticos Hindus, Muçulmanos, Judeus e Parses nos séculos XVI, XVII e XVIII.

1953-57 - "Assentos do Conselho do Estado" publicado em cinco volumes. Como o título indica, esta obra contém minutas das reuniões do Conselho do Estado que era um órgão consultivo do Governador ou Vice-Rei.

Condecorações, prémios e homenagens

Foi galardoado com numerosas condecorações, com destaque para o grau de **Cavaleiro da Ordem Militar de Santiago** concedido pelo governo português em 1935.

Em 1948 a Real Sociedade Asiática de Bengala

atribuiu-lhe a medalha de ouro "**Sir Jadunath Sarkar**" para a História Medieval Indiana.

Em 1953 a Sociedade Asiática de Bombaim condecorou-o com a Medalha de Ouro "**Campbell Memorial**" pelo seu trabalho no mesmo período sobre a história indiana.

Em 1956 a Universidade de Lisboa conferiu-lhe o grau honorário de **D. Litt.**

Em 1969 a Brihan Maharashtra Mandal conferiu-lhe a **Medalha de Ouro** em reconhecimento das suas pesquisas da História Indiana.

Pissurlencar reformou-se em 3 de Maio de 1961. Depois da invasão e anexação de Goa, ofereceu a sua numerosa colecção de livros, manuscritos, microfilmes etc., avaliados em mais de 4000 títulos, à Universidade de Bombaim.

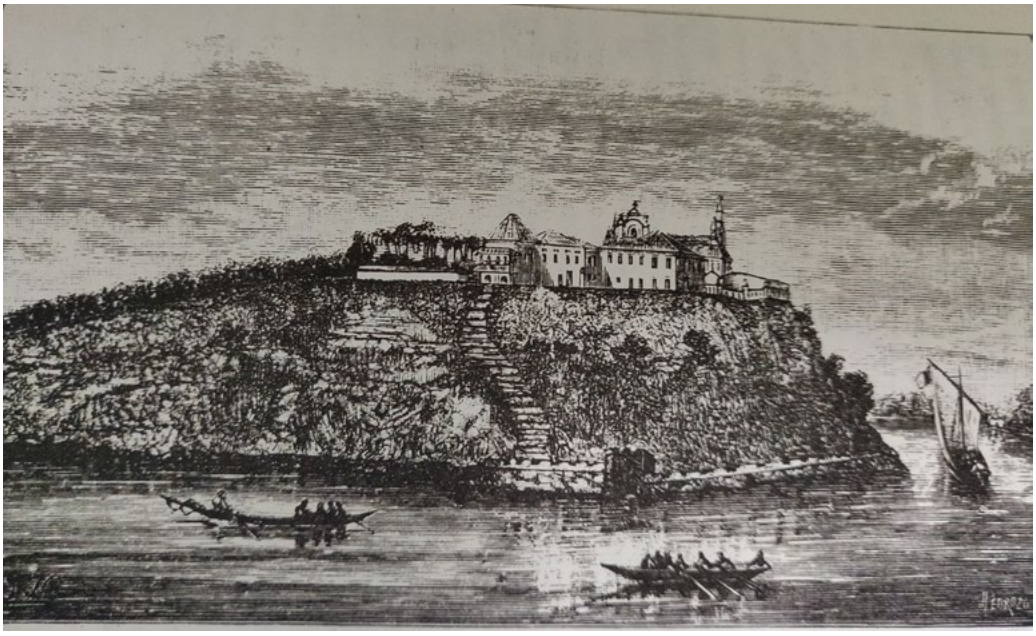
Em 1962 a Universidade de Bombaim abriu um Centro de Investigação Histórica em Panjim. Pisurlencar foi agraciado com o título de professor honorário e nomeado seu Director.

Nesta instituição foi orientador de muitos alunos nas suas pesquisas.

Faleceu em 10 de Julho de 1969.

Bibliografia | Reference

- Aleixo Manuel Costa. *Dicionário de Literatura Goesa*. Instituto Cultural de Macau, Fundação Oriente, 1997.



Palácio do Cabo (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Era uma vez em Goa

por Paulo Varela Gomes

Once upon a time in Goa

by Paulo Varela Gomes

José Filipe Monteiro

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Founder of Casa de Goa, Portugalt

Sob a chancela de "Tinta da China", Paulo Varela Gomes (PVG), publicou vários livros, entre eles "Hotel", com o qual venceu o prémio PEN Narrativa, "O Himalayan Express – Mantra, Memória e Viagem na Índia" e "Era Uma Vez em Goa" e é sobre esta sua obra que venho expressar o meu ponto de vista.

Esta narrativa, um misto de romance e ficção, intercalado com relatos de factos e personagens verídicas, decorre no início dos anos sessenta (1963/64), escassos dois anos após a invasão e anexação da antiga colónia portuguesa pela União Indiana e muitos anos antes de PVG arribar ao território goês.

Os anos sessenta marcaram de uma forma indelével a história recente de Goa. Estava quase a findar o sexagésimo primeiro, quando a vizinha União Indiana pôs fim a 450 anos da presença portuguesa. A transformação e adaptação da sociedade a este acontecimento ainda estava em curso, quando jovens ocidentais pela sua recusa em seguir os valores tradicionais deram início a uma nova de forma de ser e estar no mundo

Ficaria a ser conhecida como a geração hippie. Do sexo livre ao mundo da canábis. Da "Make love not War!" a contracultura instituída, milhares de jovens com este modus vivendi chegaram as praias do norte de Goa.

No seu percurso até Goa, estes jovens passavam pelo Nepal, donde vinham providos de droga que consumiam nas raves parties nas exóticas praias goesas.

É neste cenário que se desenvolve o argumento. Para retratar a sociedade goesa da altura, PVG escolhe alguns personagens, provavelmente fictícios; um profissional liberal, um proprietário e um homem de sete ofícios (contrabandista, dono de restaurante, estalajadeiro e o que fosse necessário).

O olhar crítico da sociedade goesa fica a cargo de um dos tais hippies acabado de chegar a Goa. Graham, de nacionalidade inglesa, que percorreu Goa de norte a sul. Os personagens hipotéticos contracenam com personagens verídicos. É o caso do jornalista e escritor britânico Graham Greene, que esteve em Goa e escreveu um texto sobre as características da terra e das suas gentes publicado no Sunday Times em 1 de Março de 1964. O texto traduzido para português, está incluído no Apêndice do livro.

Para umas pinceladas de suspense, o enredo introduz um outro personagem, verídico, o agente da PIDE/DGS Casimiro Monteiro. Planeou e executou, nos anos sessenta um atentado bombista que deu origem a um julgamento, muito mediático, que tive ocasião de assistir no antigo Tribunal da Relação.

Há ainda outros personagens, menores, cuja participação tem por objectivo dissecar e analisar a sociedade goesa.

Quer PVG quer o escritor Graham Greene são explícitos a descrever e comparar a sociedade goesa com a sua congénere da União Indiana, principalmente a miscigenação dos goeses e a eterna dúvida das suas gentes e mesmo de alguns visitantes em relação ao fim da soberania portuguesa: Invasão ou Libertação?

À margem de Goa e dos goeses, nas entrelinhas do romance constatam-se, por vezes, reflexões filosóficas de PVG. No clima quente dos trópicos, estaria o escritor à procura de alguma espiritualidade na sua vida?

Em síntese, na minha opinião, um olhar crítico de PVG sobre Goa muito bem conseguido!

Um livro de leitura fundamental para os goeses que se interessam pela opinião que os forasteiros têm da nossa sociedade que é, por vezes, muito mais fundamentada, séria e autêntica que a convicção que temos em relação a nós próprios, enquanto sociedade.

"The Motet and the Mandó were fruits of a compositional spurt in 19th century Goa"

– says the composer and singer FR. JOAQUIM LOIOLA PEREIRA, in a chat with ***Óscar de Noronha.***

"*O Motete* e o *Mandó foram frutos de um surto composicional ocorrido em Goa no século XIX*"

– *diz o PADRE JOAQUIM LOIOLA PEREIRA, em conversa com* **Óscar de Noronha**.

You can access the original chat in Portuguese on Renascença Goa's YouTube channel at:
https://www.youtube.com/watch?v=sXlnAoKU42M&t=20s

Figure 1. Fr. Joaquim Loiola Pereira in a chat with Óscar de Noronha | *O Padre Joaquim Loiola Pereira em conversa com Óscar de Noronha*

ON: *Father, what do you have to say about the rich tradition of Lenten music in Goa?*

JLP: Well, the Motets (Motetes) are Goa's "classical" Lenten music. They began appearing by the middle of the 19th century. They were sung on the occasion of the Santos Passos (Holy Steps of the Cross) and also during the Sacred Triduum, that is, Maundy Thursday, Good Friday and Holy Saturday. This is the classical Lenten music. Enter Vatican II and we now have many Lenten hymns, liturgical songs to be sung in church, all composed in the Konkani language, beginning from the year 1965.

ON: *If Motets began only in the 19th century, what could have been the earlier Lenten music like?*

JLP: I have no idea. They must have been only hymns in Latin because the liturgy was in Latin. The Parish Schools, for example, began in Goa way back in the 16th century. No Konkani music or hymns were taught there. It was only Latin. The students of our parish schools learnt choral songs too. They could sing in four voices and they sang serious classical music, like Palestrina and later Perosi and others.

ON: *The church Mestres must have also contributed a lot…*

JLP: Yes, the Mestres of our Churches, who were also music teachers in our parish schools, used to compose a lot of music in Latin, especially Masses. I am from Benaulim and I met one or two Mestres in my childhood – one was Sabino Rebello and the other was some Roque whose surname I forget, who was the Mestre of St John the Baptist Church of Benaulim.

ON: *Are there any studies on the Motets and the religious music of Goa?*

JLP: Yes, there are certain studies made on the Motets. One by Fr. Lourdino Barreto and the other by a Portuguese musicologist, Prof. Manuel Morais. Fr. Romeo Monteiro has also a booklet on this.

ON: *So, the Motet and the Mando came up at the same time!*

JLP: Exactly, the Motet and the Mando came up in the second half of the 19th century. It was perhaps the fruit of what we could call a "compositional spurt" among Goan composers. At least for some hundred years in Goa, motets were composed in Latin. Perhaps in the nineteen fifties or a little earlier, they began composing motets in Konkani, like "Vell Mhozo Paulo" …

ON: *Who composed it?*

JLP: Look, we have a curious fact here. Manuel Morais has already found a number of motets, both in Latin and in Konkani, but there is no name of the composer!

ON: *What could be the reason for this?*

JLP: What he says is that perhaps the composers were few and widely known and hence there was no interest in knowing who had composed them.

ON: *Let us say, the composer of "Sam Francisku Xaviera" ...*

JLP: Raimundo Barreto? He is widely known for his excellent, fantastic composition "Sam Francisku Xaviera". I don't know of any other composition by him. He probably has some.

ON: *Would there be a way of collecting all the motets?*

JLP: Yes. There are bound to be other motets, in private collections. Perhaps these Mestres, no longer alive today, have left in their trunks some other motets that are not known; but I doubt we shall ever know the names of the composers. That will be very difficult to find.

ON: *So, at least regarding motets we have surprises awaiting us ...*

JLP: I think so too.

ON: *Let us hope so! And now, let us talk about music composed after Vatican II ...*

JLP: There are a number of composers, starting with Vasco do Rego. Vasco do Rego was the pioneer of liturgical music in Konkani here in this diocese. We had religious songs in Konkani, even Lenten songs, which were not motets, like "Deva doiall kakutichea", "Jezu mhojea tujer hanv patietam". They are penitential hymns which most probably are one or even two centuries old. But the post-Conciliar impetus was given by Fr. Vasco do Rego. He composed many Lenten hymns and he was followed by others.

ON: *And who would the others be?*

JLP: Fr. Bernardo Cota, Fr. Lino de Sá, Fr. Santana Faleiro, Fr. Joe Rodrigues (this one is a junior priest, but has a couple of compositions) …

ON: *And there must have been lay people ...*

JLP: Yes, there were lay people too, like Alcântara Barros … and there was one who had been the Mestre of Verna church, I don't remember his name.

ON: *And Varela Caiado?*

JLP: Well, I know Varela Caiado as the organist of our Cathedral church. I don't know him as a composer. I have no idea of any compositions by him. But he was a first-rate musician. He was the organist of our Cathedral: this is all I know of him.

ON: *Are there productions of Lenten music brought forth by the Diocesan Commission for Sacred Music?*

JLP: Yes, there are. I think there are at least two publications of Lenten music, besides one or two audio compact discs.

ON: *What would be some peculiarities of the Lenten rituals in Goa?*

JLP: Well, we have traditions in Goa that are not followed elsewhere. First, the Santos Passos procession is something typical of Goa, and perhaps of a few other parishes which were part of the Diocese of Goa in times gone by, like Belgaum, Sawantwadi, Karwar: these places which now belong to other dioceses were part of the Archdiocese of Goa; so the Santos Passos are to be found there too. If one goes to Central India or South India or North India, no, no Santos Passos there. We have inherited this from Portugal, where the tradition still exists.

Here in Goa, they are an interesting thing, these Santos Passos. There are 'two Goas': North Goa and South Goa. In North Goa, Santos Passos are celebrated on every Sunday of Lent. If on the first Sunday of Lent one dwells on the Condemnation of Christ, the second Sunday is the Ecce Homo, on the third Sunday we have the Lord carrying the Cross, on the fourth Sunday, the Lord meeting his Mother on the way to Calvary and so on: each Sunday offers a meditation on one of the Passos or steps of the Way of the Cross. They are not the fourteen stations, but just a few of them.

In South Goa, it is only one Sunday. For example, in Benaulim, it is the fifth Sunday, in Loutulim it is the third Sunday, and so on. Here it is only one procession of the Santos Passos, incorporating one or two or three steps (Passos) of the Way of the Cross.

Another tradition here in Goa, both in North and South Goa: a child sings a Veronica hymn… first it was only in Latin, but now there are Veronica songs in Konkani too.

ON: *And the Procession of the Franciscan Saints?*

JLP: Well, this too comes from Portugal, this Procession of the Terceiros! Here in Goa we know them as Terciários. In Portugal they are known as Franciscanos Terceiros or Franciscans of the Third Order. I wouldn't know in which part of Portugal, but they still hold this procession of the Franciscan Saints. Here this procession is held only in one place: Goa Velha.

Figure 2. Traditional Good Friday procession (*Senhor Morto*) through the streets of Panjim city.

ON: *But I heard there was another such procession only in Rome …*

JLP: I heard it too. But which parish in Rome I wouldn't know. But I can tell you that there are a couple of parishes in Portugal where such a procession of Franciscan Saints is held: fourteen, fifteen andores (litters) … here too. But here they are no longer only Franciscans. There are other saints; our Saint Joseph Vaz is also there: he has already been added to the saints here. Do not be surprised if you find one day a statue of Mother Teresa, Saint Teresa of Kolkata, too.

ON: *How did a procession of Franciscan Saints come about in the Ilhas or Tiswaddi (taluka), which was evangelized by the Dominicans?*

JLP: Well, this procession takes place on the Monday that follows the Fifth Sunday of Lent. It was initiated in the Pilar Monastery which was occupied at that time by Franciscan Capuchos. When the Pilar Monastery was closed down, all those saints or images were brought to the Parish Church: note that Pilar belongs to the parish of Goa Velha till date. It is now the parish of Goa Velha that takes this forward.

Na *Revista da Casa de Goa*, 2020, II Série, Nº 8, pp. 47, a Figura 1 deve ser Figura 3 e na sua legenda, onde consta "Torres Novas" deve ser "Atalaia, Lourinhã"

In *Revista da Casa de Goa*, 2020, II Series, issue 8, pp. 47, The Fugure 1 should be Figure 3, and in its legend, where it was stated "Torres Novas" it should be "Atalaia, Lourinhã"

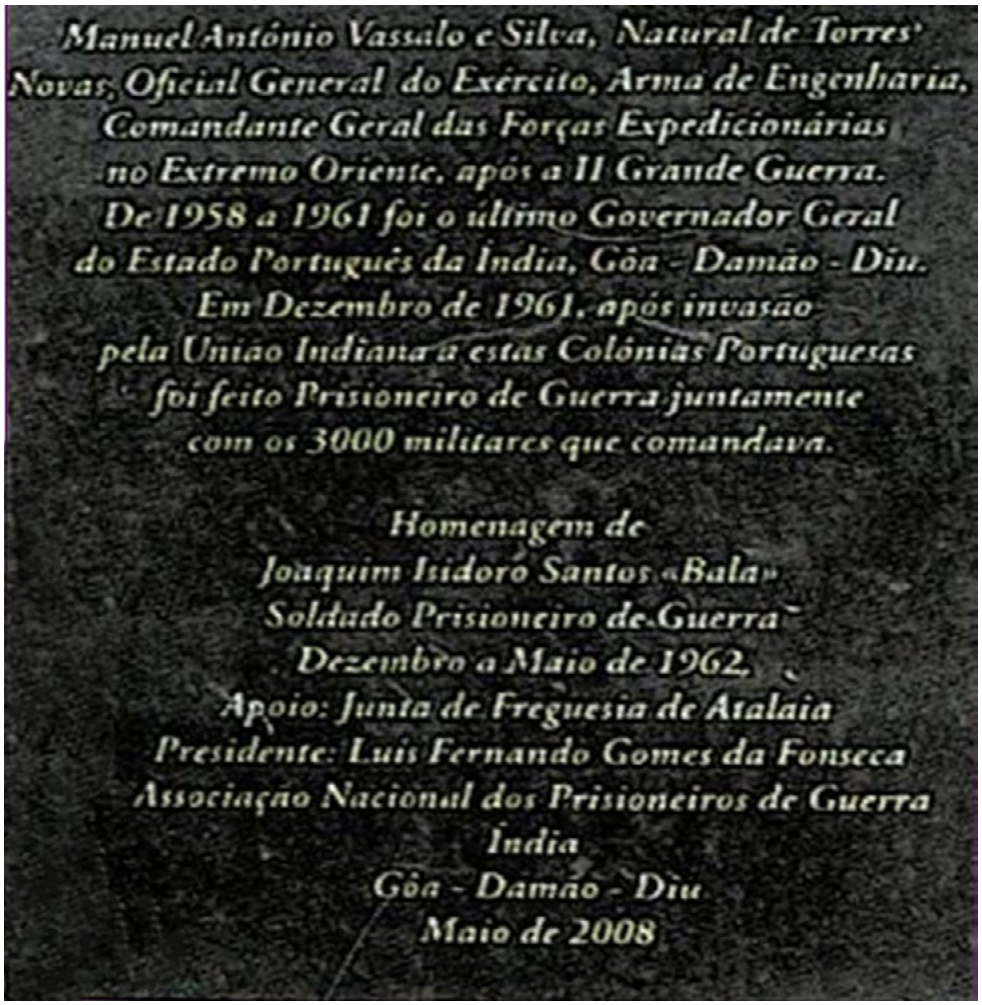

Manuel António Vassalo e Silva, Natural de Torres
Novas, Oficial General do Exército, Arma de Engenharia,
Comandante Geral das Forças Expedicionárias
no Extremo Oriente, após a II Grande Guerra.
De 1958 a 1961 foi o último Governador Geral
do Estado Português da Índia, Gôa - Damão - Diu.
Em Dezembro de 1961, após invasão
pela União Indiana a estas Colónias Portuguesas
foi feito Prisioneiro de Guerra juntamente
com os 3000 militares que comandava.
Homenagem de
Joaquim Isidoro Santos «Bala»
Soldado Prisioneiro de Guerra
Dezembro a Maio de 1962.
Apoio: Junta de Freguesia de Atalaia
Presidente: Luis Fernando Gomes da Fonseca
Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra
Índia
Gôa - Damão - Diu
Maio de 2008

Figura **3**. Placa dedicada ao General Vassalo e Silva em **Atalaia, Lourinhã** | *Plaque dedicated to General Vassalo e Silva em* ***Atalaia, Lourinhã****, Portugal* (Cortesia: Joaquim Isidoro Santos)